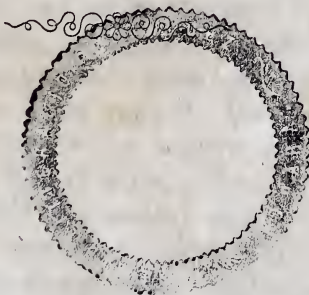
PHOTOGRAPHIAS DE LISBOA

ALBERTO PIMENTEL

PHOTOGRAPHIAS DE LISBOA

PORTO
Typographia de Freitas Fortuna
150 — Rua das Flores — 156

1874

PHOTOGRAPHIAS DE LISBOA

I

Do Douro ao Tejo

Aconteceu-me com a minha estada em Coimbra o que deve succeder com os noivos que se não conhecem e, na primeira entrevista, se acham feios.

Desde que leio poetas, sempre lhes ouvi dizer em letra redonda que era Coimbra o paraizo de Portugal, que o Mondego tinha nas aguas as palhetas douradas do Pactolo, e que bastava a gente sentar-se na *Lapa dos Poetas* para se sentir inspirada. Quiz demorar-me um dia em Coimbra para me absorver em tão decantadas bellezas. Ia bem disposto, alegre, esperançado. Coimbra! a querida dos poetas! dizia de mim para mim. Eu mesmo, que não sou poeta e que desconfio que não sou coisa alguma n'este mundo, já por mais d'uma vez havia queimado o meu punhado de incenso aos pés da supposta *coquette* do Mondego. Vi-a: fiquei desilludido e, o que ainda é mais, fiquei fatigado de a

ver. Andei subindo, subindo um dia todo, porque em Coimbra sobe-se sempre, e, ó prodigio! até para descer me parecia subir tambem! A cidade baixa é duas ruas, pouco mais, — a Sophia e Visconde da Luz. Os academicos, por estarem perto da Universidade, que fica no topo da collina, vivem na cidade alta, que é um labyrintho de calçadas e cangostas estiradas em todas as direcções. Descem apenas para tractar de negocios ou para conversar nas livrarias. Eu, em toda a cidade baixa, não vi em vinte e quatro horas outros tantos academicos. Encontrei-os em ranchos caminho da Universidade, onde iam matricular-se, porque era esse o ultimo dia de matriculas. Na *via latina* passeavam fumando alguns, e á *porta ferrea* havia apenas tres ou quatro, porque a *porta ferrea* só é animada pela *troça* nos primeiros tempos do anno lectivo.

Já que fallei da Universidade, aproveito a occasião de contar as impressões que me deixou. Tirante o pateo, que fica dentro do vasto edificio quadrado, a vista das janellas das galerias, do observatorio e da torre, achei tudo aquillo triste, pesado, sombrio, com seus ares de clausura monastica.

A *sala dos capellos*, tão fallada, coberta de sanefas e retratos dos reis portuguezes, tem um certo aspecto conventual que faz parecer que a destinam a solemnidades religiosas. Estuda um rapaz seis annos, trabalha para destinguir-se, e no dia dos seus maiores jubilos, em que recebe o grau de doutor e dá o primeiro passo para ser lente, vê-se asphyxiado entre aquellas alterosas paredes, mettido entre as sombrias telas

dos antigos reis, cujas velhas armaduras negrejam, fazendo-lhe tudo lembrar não que vae receber o capello mas o habito!

É triste! triste!

A *sala dos retratos dos reitores* tem mais de inquisitorial que de monastica. Lembra uma quadra subterranea onde as austeras effigies dos quadros recordam involuntariamente os taciturnos juizes do santo officio.

Quando a gente sai d'ali, está anciosa de respirar, mas, ao passar no pateo, diz-lhe o archeiro—*cicerone* que ainda falta vêr a bibliotheca.

Vamos vel-a.

Não parece á primeira vista livraria; affigura-se templo, tantos são os doirados, os ornatos, tamanha é a escuridade e o silencio.

D. João V, que apparece retratado ao fundo da terceira sala, foi o reformador da bibliotheca, e a gente adivinha que essa missão coube a tão faustoso monarcha, antes mesmo de o ver. Tudo é riquesa, esplendor, o que era absolutamente indispensavel para compensar da tristeza que reina ali.

Vamos lá ver o céo e o Mondego, da varanda do observatorio, e resignemo-nos a subir, a subir, até chegarmos ao cimo. É um soberbo panorama o do observatorio, um pouco prejudicado agora, porque o Mondego está secco e, em lugar de agua, mostra sómente areia. Em vão procurei o Ó da ponte. A ponte e o seu Ó foram a terra. A academia está desgostosa com a suppressão da legendaria vogal que se arredondava a

meio do rio, e onde antigamente os *caloiros* eram troçados pelos *veteranos* que os iam lá esperar. Fallavam do Ó o Tolentino, o *Palito metrico*, e todas as tradições oraes da Universidade.

Não obstante, lá se foi o Ó pela agua abaixo! como sentidamente me disse o meu amigo Gonçalves Crespo, o mimoso author das *Miniaturas*.

Vae fazer-se uma ponte nova, e os academicos, apesar de tambem serem novos, mais se queriam com o velho Ó historico, ao mesmo tempo passeio e monumento.

Descendo da Universidade fui, acompanhado pelos academicos Frederico Laranjo e Coelho de Carvalho, visitar o *jardim botanico*, que é em verdade um formoso retiro, quasi sempre povoado de scismadores melancolicos ou namorados. Entrei ás estufas, descendo á subterranea. Não se diga só que são as primeiras do paiz, mas não haverá muitas no extrangeiro que possam competir com as de Coimbra. O calor e o latim das estufas afugentaram-nos a todos tres. Que teima a de baptisar á romana as flores, que não são de Roma nem de Portugal, mas de toda a parte!

Coelho de Carvalho e Frederico Laranjo aborrecem o latim por serem obrigados a lidar com as *sebentas;* eu detesto-o, porque, se o não li por *sebenta,* li-o pelo snr. Epiphanio, que é quasi a mesma coisa, mudado o genero.

Sempre quero dizer, antes de encerrar as minhas impressões de Coimbra, que tive occasião de conhecer o snr. dr. Julio de Vilhena, cavalheiro tão modesto

como instruido, que se prepara para ir a concurso na Universidade, e que se tornou conhecido no mundo litterario com a publicação do seu valioso livro sobre as raças da peninsula. Conheci tambem o snr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense* e o author dos *Apontamentos para a historia contemporanea.* Podia dizer o mais que vi em Coimbra, mas o leitor, se lá não quer ir, compre o *Guia do viajante* escripto pelo snr. Simões de Castro, e ficará sabendo o que lá ha para ver.

Em todo o caso vá desilludido, porque os poetas enganam, e tanto, que a *Lapa dos poetas* só invertida em *Pala dos poetas* é verdadeira.

Agora para Lisboa.

Está dentro do wagão o snr. Francisco de Sá Noronha que vai a Lisboa tractar da sua nova opera *Tagir.*

Bem! É um conhecido, e eu acho, em conformidade com um sabio antigo, que mais vale um conhecido no caminho que um amigo em nossa casa. Vamos todos excellentemente dispostos para jantar no Entroncamento.

O snr. Noronha come com saudavel appetite; o snr. Pereira, scenographo lisbonense, diverte-se mais com o colorido das substancias que dos pratos; eu limito-me a comer em competencia com o snr. Noronha e o snr. Pereira. Assim preparados, para Lisboa!

Chegamos á noite. Ha luzes, trens, ruido, animação.

Despeço-me dos meus companheiros de viagem e

caio nos braços do meu antigo amigo Sousa Viterbo. Não lhe permittiu o seu dedicado coração que só me visse ao outro dia. Vamos, atravessando a enorme cidade, phosphorescente e ruidosa, para o nosso poiso. Estão abertos todos os theatros, ha gente nos bancos dos passeios, no Chiado conversa-se ainda. Vamos dormir, destinando o dia seguinte para vêr os homens e as coisas. Quiz porém a minha boa estrella que primeiro visse os homens do que as coisas.

Abraço Julio Cesar Machado, que é a personificação da franqueza e da alegria; o snr. visconde de Castilho, cujos cabellos brancos o coroam d'uma aureola de justa gloria; Rangel de Lima, que tem tanto talento para o theatro como dedicação para os amigos; Brito Aranha, escriptor modesto, que trabalha ora nos seus livros ora nos jornaes da capital; José Carlos dos Santos, amigo velho, e honra da scena portugueza.

Folga o meu coração com esta felicidade, e prepara-se o meu espirito para vêr depois dos homens as coisas.

Se fores a Roma, sê romano; estamos em Lisboa, sejamos lisbonense.

II

Divagações

Lisboa predispõe para ir a Pariz. Um homem, que nunca bebeu, não deve começar por uma garrafa de

cognac. Primeiro se familiarisa com o alcool para que a embriaguez o não prostre. Assim foi que, esperando eu ir a Pariz quando os editores sejam tão prodigos que m'o permittam, quiz preparar-me para a capital da França visitando a capital de Portugal. Ha pessoas que sabem mais o que vae na casa alheia do que na sua. N'este genero de pessoas estão incluidos os viajantes que primeiro vão á exposição de Vienna que ao Bom Jesus do Monte. Mas a culpa sei eu d'onde vem. Nasce de não haver jornal no Bom Jesus do Monte e de ser preciso, para chegar á Austria, atravessar algumas nações onde os jornaes representam d'estações de caminho de ferro e vão dizendo uns aos outros pela telegraphia do noticiario: Passou! Ahi vae elle! Sentinella á lerta!

Quem nunca viu o seu nome em letra redonda, a não ser d'annos a annos nas eleições das irmandades ou no rol dos accionistas dos bancos, tem desculpa em se tentar com a ideia de que o jornalismo se occupe da sua pessoa durante alguns dias. Eu, que vivendo ha annos a fallar publicamente dos outros, tenho dado aos autros o direito de fallarem publicamente de mim, estou já saciado d'essa honra, e estimo bem que se não diga quando viajo para que em qualquer das estações me não salte ao wagão um correspondente ou um necrologista de provincia. Todas estas razões, porém, ficam supplantadas perante uma, e vem a ser que o viajar no reino dispensa a gente de comprar prendas aos amigos, porque se suppõe que em Lisboa as gravatas são como no Porto, e que um fras-

co d'agua de Colonia tanto é de Farina, de que nunca foi, nos Clerigos como no Chiado.

Por tanto, limitado ás despezas pessoaes, porque no nosso paiz um escriptor tem obrigação de ser limitado nas ideias e nas despezas, deixo os que a mim me pareceram melancolicos salgueiros do Mondego, embora o despeitado Pegaso não haja de perdoar-me o sacrilegio, e dou comigo em Lisboa, terra que eu tenho visto considerar de tão diversos modos, que só de propria vista é que póde formar a gente opinião segura.

Entrei em Lisboa á noite, como já disse, e confesso que os reflexos da grande cidade me fizeram lembrar do meu querido Porto em dias de illuminação geral. Só nas festas publicas é que as noites do Porto são comparaveis ás animadas noites de Lisboa. Nós, não obstante construirmos palacios para o peixe que d'ahi a instantes se ha-de vêr comprimido na estreiteza do estomago, estamos ainda a meia ração de luz. A praça de D. Pedro no Porto tem quatro candelabros ao meio em homenagem á estatua do Imperador; a praça de D. Pedro (Rocio), em Lisboa, de tal modo resplende á noite, que perfeitamente se distingue ao sul, sem auxilio da lua, o arco do Bandeira e ao norte o bonito theatro de D. Maria II. Nós fiamos muito da lua, e fazemos mal, porque a lua, fatigada das citações dos poetas e das visitas de Julio Verne, vae tomar ares para a Madeira e fazer uma grandissima pirraça ao municipio portuense.

Ao atravessar toda a *baixa* depois das nove ho-

ras da noite, admirei-me da vivacidade da população, que se espannejava ainda nas ruas, á hora em que no Porto se conversa pouco na Praça Nova e se dorme já em Villar e Aguardente. Os trens d'aluguer, em vez de conservarem immoveis as suas duas lanternas, como succede a essa hora na Praça Nova, chegando a parecerem um acompanhamento funebre vistos do cimo da rua de Santo Antonio, circulavam por toda a parte, e em Santa Apolonia havia tal chusma d'elles, que só os poderiam encher os passageiros consentindo em ser fraccionados.

Eu não consenti.

O meu primeiro dia de Lisboa amanheceu formosissimo. Atirava-me para a rua o coração impaciente; obedeci ao coração. Sahi á hora em que já se póde sahir no Porto: ás oito da manhã. Havia já trens na rua, perpassavam as azemolas e as carroças dos vendedores ambulantes mas estavam ainda fechadas todas as janellas e muitas portas. Lisboa dormia ainda. Muito bem! Vejamol-a livremente emquanto dorme. O céo que lhe protegia o cansado somno era d'um azul luminoso como poucas vezes tem o céo do Porto. A alegre claridade do ar estava convidando a um passeio matutino, e eu, que era hospede, suppuz que não seria indelicadeza sahír a passeiar emquanto a gentil hospedeira dormia. Attraia-me o Tejo, fui vel-o. De mais a mais um bom d'um cura d'almas, que foi nosso companheiro de viagem, havia-se encarregado de nos descrever Lisboa no wagão, recommendando-nos,

com vivo interesse, o phenomeno optico da estatua de D. José vista de differentes pontos da rua Augusta.

— O que mais admira — dizia elle, — é que a estatua, olhada do principio da rua, tenha o tamanho natural d'um homem; olhada do meio, conserve o mesmo tamanho; olhada do fim, não pareça maior!

— É extraordinario!

— O tamanho natural d'um homem?

— Cavallo e cavalleiro?

Com esta pergunta agastou-se o padre e explicou:

— Não snr! Só o homem.

Atravessei o Terreiro do Paço que estava ainda despovoado. Os pretendentes só teem necessidade d'acordar uma hora antes dos ministros. Que differença entre o Terreiro do Paço ás oito horas da manhã e ás duas da tarde! Depois do meio dia começam a chegar trens, que estacionam durante longo tempo. Debaixo da arcada, passeiam homens conversando animadamente, — e senhoras tambem, muitas senhoras, porque o sexo feminino está representando um papel importante na politica do paiz. Fizeram-me pena as viuvas, especialmente as dos militares, que esperam o ministro da guerra. Mal vestidas, amarellas, envergonhadas. Viver n'aquelle labyrintho de Lisboa, sosinha, desamparada, pobre, tendo por unico esteio a esperança d'obter uma pensão! Depois do meio dia todas as carruagens que passam na *baixa* vão para o Terreiro do Paço. D'uma vez disse-me alguem na rua Augusta indicando-me um sujeito que ia dentro d'um trem:

—Aquelle que ali vai é um padre; passa aqui ha seis mezes!

Os transeuntes da *baixa*, d'aquella hora em diante, vão todos preoccupados com o seu ideial:

O padre pensa na abbadia;

O militar na promoção;

O bacharel na delegacia;

O cirurgião n'um despacho para o ultramar;

A viuva na pensão que espera obter protegida unicamente pelas suas lagrimas.

Ás quatro horas voltam todos, a pensar ainda no seu ideial:

Na abbadia, — o padre;

Na promoção, — o militar;

Na pensão, — a viuva;

No despacho, — o cirurgião;

Na delegacia, — o bacharel.

E isto por uma simples razão. Porque no Terreiro do Paço estavam mais vinte padres, vinte militares, vinte viuvas, vinte cirurgiões e quarenta bachareis que tambem pretendiam! D'aqui a annos o typo-pretendente do Terreiro do Paço será um unico — o bacharel, e se entrar em moda graduarem-se as senhoras todo o trabalho estará em distinguir o bacharel-macho do bacharel-femea. De modo que, graças á abolição dos exames de madureza, a grammatica do candidato ficará reduzida aos epicenos.

Mas vamos a vêr o Tejo, que foi o pretexto do primeiro passeio.

III

O Tejo

Estava finalmente deante do Tejo.

Não é preciso espraiar por muito tempo o olhar na vastidão magestosa das suas aguas para saudar enthusiasticamente o primeiro rio de Portugal. Os arvoredos da *Outra-banda* esbatem-se n'aquella grande distancia como no fundo d'um quadro. O céo de Lisboa é de tal modo lucido, que permitte á corrente o azulejar-se com igual belleza. Isto faz com que o Tejo não só supplante o Douro pelas dimensões do seu vasto leito como pela festiva alegria das margens, da agua, do céo. O Douro é na sua maior parte estreito e triste, ladeado de ribas, cujos penhascos, pendurados do declive, parecem querer desabar como outras tantas avalanches. No sitio da ponte pensil, caminho da estação das Devezas, os fragoedos da Serra do Pilar d'um lado, do outro a ingreme ladeira da Corticeira e as ruinas do Seminario induzem o viajante, decerto, a fazer antecipado e errado juizo sobre a belleza do Porto, se bem não sejam precisas muitas horas para o viajante conhecer o erro e a precipitação do seu juiso. Está o Tejo sulcado de embarcações que, estendendo-se ao longo do Aterro, á direita do Terreiro do Paço, dão ainda uma palida ideia de que nós fomos a nação

navegadora por excellencia. De tempos a tempos estende-se, como tenue nuvem, sobre o rio, uma columna de fumo, que a pureza dos ares não consente por muito tempo: é algum dos vapores de Cacilhas. Sendo impossivel lançar sobre as aguas uma ponte, em razão da extrema largura do Tejo, encarregam-se da travessia os vapores do snr. Burnay, que, em poucos minutos, nos depõem na *Outra-banda*. Chegados ao caes de Cacilhas, celebre pelo assassinato do general Telles Jordão em 1833, é acommettido o viajante por uma chusma de rapazes do sitio que vem offerecer os tradicionaes burrinhos.

Vamos ao castello d'Almada, á Fonte da Pipa, á fabrica da Margueira, e ainda mais longe, ao Pragal, ao Caramujo, á Cova da Piedade, — nos burrinhos.

É portanto o Tejo a barreira interposta ao presente e ao passado, porque na margem direita silva o caminho de ferro, rodam os omnibus e os trens, ha o grande movimento das modernas capitaes, e na margem esquerda vão subindo, vergastados pelos rapazes, para o Alfeite ou a Amora, os anachronicos burrinhos das biblicas peregrinações.

É preciso, para ficar verdadeiramente namorado de Lisboa, ir vel-a do Castello d'Almada, sentada, á beira do Tejo e perto do mar, no seu vasto triclinio formado por tres distinctos grupos de montes, n'uma das intersecções dos quaes assenta a cidade baixa desde o Terreiro do Paço até ao Passeio Publico. A agglomeração da casaria nos valles e nas encostas faz com que, proximo á linha de circumvallação, rareiem os edifi-

cios e as ruas mas appareçam os arvoredos das quintas e dos campos a emoldurar pittorescamente a cidade.

Ha ainda uma notavel antithese a referir entre Lisboa e á *Outra-banda*. D'um lado a capital com os seus 200.000 habitantes, o seu vasto perimetro em fórma de semicirculo, os seus palacios, os seus templos, os seus arvoredos, a sua grandeza toda; do outro a pobresa da beira-mar, as povoações de Porto-Brandão, Trafaria e Caparica, encravadas em areiaes, indigentes, miseras, estendendo por cima do Tejo o braço descarnado que pede esmola a Lisboa.

Após a deliciosa surpresa do formoso espectaculo do Tejo senti nascer em mim o mau sentimento da ambição, quando a musica da guarda que se rendia no Terreiro do Paço me restituiu á triste realidade do ser humano.

Eu havia copiado, ao partir para Lisboa, na minha carteira de lembranças, estes periodos do *Livro das grandezas de Lisboa* de frei Nicolau d'Oliveira: «A segunda excellencia (do Tejo) é de suas areias d'ouro, de que, como acima fica dito, é mais abundante, que todos os outros rios, como se vê em Plinio livro terceiro, capitulo quarto, e não ha que espantar que ainda hoje vemos resplandecer em suas areias muitas arestas, e folhinhas d'ouro, e tão fino, e tão puro, que querendo el-rei D. João o terceiro lhe fizessem um sceptro, mandou que lhe buscassem o ouro nas areias do Tejo, do qual se fez um, que os reis tem agora na mão, quando os coroam, ou fazem côrtes, e se guarda em o thesouro de Lisboa.»

A estas palavras do reverendo Oliveira addicionei a seguinte nota:

«Terreiro do Paço. — Pagar os direitos de mercê e apanhar arestas.»

Esta era a laconica *lembrança* do que eu tinha a fazer no Terreiro do Paço. Não puz tambem — e vêr o Tejo — porque, sendo uma viagem uma novella em acção, vem encorporar-se ao plano geral, como nos romances, um sem numero de episodios imprevistos, que são sempre os melhores.

Esta excellencia do Tejo, notada por frei Nicolau d'Oliveira, fez-me suppôr que ou o caes estava noite e dia guardado por sentinellas ou a affluencia de provincianos a Lisboa não era porque fossem tractar de suas pretensões mas procurar arestas á beira do rio, como se procuram caramujos á beira do mar.

No primeiro caso não me podia explicar como, com tamanha fonte de receita, houvesse em Portugal divida fluctuante e divida consolidada. No segundo era obrigado a considerar-me um grande ignorante das riquezas do meu paiz, e um grande inimigo da minha propria felicidade, porque, precisando eu de varios objectos d'ouro, ainda não tinha ido buscar a Lisboa a materia prima.

Alvorocei-me com a ideia que em mim despertou a musica da guarda do Terreiro do Paço. Frei Nicolau d'Oliveira cahiu de chofre dentro da minha alma com o peso do seu livro sobre as grandezas de Lisboa, do sceptro de D. João III e das arestas d'ouro do Tejo.

*

Como quem, embriagado pela inesperada posse d'um thesouro, sente casar-se ao jubilo da surpresa o receio de que lh'o arrebatem, circumvaguei pelo Terreiro do Paço um olhar ao mesmo tempo timido e altivo. Vi, a pequena distancia de mim, dois trabalhadores, sentados á beira do caes. Estavam contando algum dinheiro em cobre ao pé do oiro! E, Deus me perdôe, não vendo reluzir o chão, tive a ideia de que frei Nicolau mentia. Entrei de cogitar, de cogitar... Travei com o meu espirito o dialogo proprio do homem irresoluto. Eu mesmo propunha e discutia. Em que anno escrevia o religioso? Acudiu a memoria a dizer: Em 1620. Ha 253 annos! E repeti: Ha 253 annos! Havia lá Pactolo que resistisse á ambição de dois seculos e meio! Ha por ventura producto da natureza que não esteja explorado, manancial que os homens não exgotassem ainda? Estabelecem-se depositos de guano e os exploradores d'esse producto chegam a ter o desejo homicida de que os amigos lhes leguem os corpos para... commercio! Vale acaso uma ostra o que vale uma areia d'ouro? E veja-se o que ahi se tem discutido a concessão das ostreiras, e como as ostras teem sido pretendidas não para comel-as mas para vendel-as!

Desconsolou-me a triste philosophia do meu cogitar. Muito custa ser philosopho, mormente quando a philosophia tem por base a ostra sem concessão nem prato!

Frei Nicolau d'Oliveira, tu, que representas o passado, talvez não mentisses no teu tempo, mas o meu é que te desmente, frei Nicolau d'Oliveira!

Hoje as coisas são outras.

Tambem tu dizias que em Almeirim e Salvaterra havia armazens destinados a recolher, em grandes talhas, agua do Tejo, para uso dos reis, e que se conservava durante trinta annos a agua!

Acredito, porque sendo auriferas as areias, era de suppôr que se tentasse estancar o rio para facilitar a extracção. Pois, não sei porque artes, estancaram-n'o. Já nem o Tejo rola arestas doiradas nem estão cheias as talhas de Salvaterra e Almeirim.

Se os tempos são outros!

Agora, mais remançadamente, volto a ler-te. Dizes tu: «Os ares se vêem povoados de grandes bandos d'aves, de que não sei se é mais para ver a formosura de suas pennas, se para ouvir suas suaves musicas...»

Eu, frei Nicolau, não vi araras, nem pavões, nem papagaios, nem outras quaesquer aves de plumagem colorida. Que me lembre não vi... Musica ouvi a da guarda do Terreiro do Paço, e, para te dizer a verdade, não era muito suave. Não tem que vêr! Deram cabo das areias, e depois dos passarolos. Deixaram ao Tejo a formosura, porque lh'a não poderam tirar. Saudemos pois o que ao Tejo resta da sua natural grandeza, e vamos passeiar o Aterro, de que tanto se ouve fallar no Porto, e que é realmente um bonito passeio que, principiando no caes de Sodré, chega até Alcantara, creio eu, plano, arborisado, com bancos de madeira, concorrido no inverno pela aristocracia da capital, e sempre animado pelos omnibus que fazem a

carreira de Alcantara, de Belem, da Ajuda e de Cascaes.

Respira-se ali desafogadamente! O Tejo está a dois passos, corre ao longo do caes, e as Tagides, se não fossem creação mythologica, algumas vezes poriam a cabeça fóra da agua para aprenderem a moda.

Ó frei Nicolau, quem deixaria d'ir ao Aterro se o Tejo ainda levasse areias d'ouro?

Todos, menos o publico.

Lembrei-me, quando vi o Aterro, do Passeio da Cordoaria, onde se respira a atmosphera d'um hospital e d'uma cadeia. No Aterro ha bons ares, boas vistas, e, aos domingos, da uma ás trez horas da tarde, boas mulheres.

E o que vale, visto não haver folhinhas d'ouro.

IV

Prégões e pregoeiros

Não se pense que o caminho de ferro nos aproximou tanto de Lisboa, que já levou para lá alguns habitos nossos e trouxe para cá influencias da vida lisbonense.

Nada, não!

Lisboa come ao *dessert* os nossos morangos, e enflora-se com as nossas camelias.

Mais nada.

Nós aproveitamos, para vestir-nos, uma ou outra coisa de Lisboa, e lemos as noticias que de lá nos mandam todos os dias.

Para esta pequena troca de productos não era preciso que fossemos todos portuguezes, que fallassemos a mesma lingua, e tivessemos o mesmo rei.

De sorte que tudo nos leva a crêr que Lisboa é uma naçãosinha mettida dentro de Portugal, e que conserva intactos os seus costumes e a sua individualidade.

Quem chega a Lisboa e ouve os pregões das ruas imagina-se n'um paiz que tem sua lingua propria, por que ou não entende as palavras ou não sabe o que ellas querem dizer.

Crusam-se em todas as direcções uns homens carregados com uns barrisinhos ao hombro, os quaes homens vão gritando:

— Aú!

— Aú!

Que vendem elles?

Não póde ser agua nem vinho. Uma cidade, populosa como é Lisboa, não se póde contentar com uma gota d'agua e uma gota de vinho.

Então que vendem?

Azeite ou vinagre, decerto. Ficamos n'esta hypothese e continuamos a ver passar os homens dos barris e a ouvil-os gritar:

— Aú!

Não tarda porém que passem por nós as azemolas dos vendedores ambulantes, carregadas com alforges

de esteira ou pau, dentro dos quaes vai quanto é indispensavel a uma cosinha, incluindo vinagre e azeite.

No Porto a praça do Anjo é uma necessidade; em Lisboa a praça da Figueira é um luxo.

Passa tudo pela porta, e basta só ter o incommodo de descer á rua para comprar o jantar, porque os alforges das azemolas são outras tantas praças da Figueira ambulantes.

Depois, passa-se tudo isso pelo lume, e póde servir-se o jantar.

E os homens dos barris a apregoarem: Aú!

Vamos desanganar-nos.

—Psiu! Que vende?

—Eu vendo *auga.*

—Agua! santo Deus! Mas quantos barris d'esses são precisos para fazer o jantar d'uma familia?

—Dois ou tres.

—E quanto custa a agua de cada barril?

—De quinze reis a vintem!

Então uma familia ha-de beber ao almoço, no café, um vintem d'agua! Diz-se geralmente que a vida de Lisboa é barata. Engano! A agua de que a maior parte da população se aproveita é muito mais cara do que outr'ora o caffé em Braga, sendo que em toda a parte a agua vale tão pouco, que as fontes estão de dia e noite expostas ao publico sem que pela manhã appareçam roubadas.

Só por meio de interrogações é que um viajante, tão portuguez como os lisbonenses, se póde tirar da complicada hermeneutica dos pregões de Lisboa. Le-

vam muitos dias a entender-se os vendedores ambulantes, e eu creio poder affirmar que, não obstante, é melhor entendel-os do que ouvil-os.

Familiarisada a gente com o *aú*, vai; atravessando as ruas, procurar um amigo, visto não estar em costume procurar os inimigos.

O meu amigo morava na rua tal, numero tantos, terceiro andar.

Por estas simples indicações toda a gente o ha-de conhecer: é elle.

Por cortesia, aldrava-se uma vez á porta.

Espera-se: nada!

Aldrava-se segunda vez.

Nada!

Morreria o meu amigo fulano! Mas não é de suppôr que toda a familia morresse de saudade.

Terceira aldravada.

O mesmo silencio!

Desesperado, bato tres vezes a seguir.

Immediatamente, sinto tirar por um cordão, e abrir-se a porta.

Tenho na mão o cartão de visita para entregar ao criado.

Não vejo ninguem.

Vou subindo: as escadas desertas!

Chego ao primeiro, ao segundo, ao terceiro andar, e o mesmo silencio e a mesma solidão!

Lobrigo porém uma campainha: badalejo.

Abre-se uma porta de rotulas e perguntam de dentro:

— Quem é?

— Está em casa o snr. fulano?

— Vou vêr.

Fica aberta a porta de rotulas, e fecha-se a interior, que me parece segura como se fosse a porta da rua.

Volta o criado e manda entrar. Não se faz esperar o dono da casa.

Apertos de mão, abraços, cumprimentos, amabilidades.

Cae-se depois em conversação menos expansiva e mais sincera.

— Tem você uma bonita casa!

— Tenho sim, e grande. Este andar é o melhor do predio: tem sete casas.

— O que?

— Tem sete casas, sim.

— O meu amigo está gracejando!

— É o que lhe digo. Quer vêr para desenganar-se?

— Oh! de modo nenhum... É que emfim eu tinha olhado da rua para o predio e não me pareceu que dentro do seu andar coubessem sete casas...

— Pois cabem, e espaçosas.

— Acredito, porque o meu amigo o diz.

— E o mais é que dei a todas destino. Esta é, como vê, a de receber; a immediata é o meu escriptorio; a outra é o meu quarto...

— Com franqueza: Você apanhou a sorte grande!

— Eu!

— Pois você, para escrever, precisa d'uma casa inteira!

— Preciso, sim; venha vel-a.

Fomos.

Ó surpresa! O meu amigo jantava n'uma sala, escrevia em outra, e dormia em outra.

Sahi pensando no dictado: Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

E todavia estamos tão perto de Lisboa, que doze horas de conversação no caminho de ferro bastam para nos pousar na estação de Santa Apolonia!

Apesar de todos pertencermos á mesma nação e á mesma raça, que profunda differença entre as duas terras!

Na rua ou em casa, a vida é essencialmente diversa.

No Porto toda a gente se cumprimenta; em Lisbor conhece-se pouco. Ha mais gente e menos relações. No Passeio Publico, que é o mais concorrido aos domingos, poucos cumprimentos se trocam. Em compensação, os chapeus andam mais lustrosos. É que realmente ha conhecimentos que deslustram... o chapeu.

No Porto a vida da familia estende-se até aos visinhos. Toda a gente sabe quem vive na casa immediata, que modo de vida tem o homem, quantos annos tem a mulher, e quantos babeiros tem o pequeno. O *Arco de Sant'Anna,* que é um romance de velhos costumes portuenses, começa por um dialogo de visinhas. Já então se palrava nas janellas e ainda hoje se palra.

Em Lisboa não se sabe geralmente quem mora nos outros andares, a não ser que seja uma casa de lit-

teratos, de artistas, de quaesquer pessoas do mesmo officio.

Tambem este é um facto digno de menção, porque vulgarmente todas as pessoas da mesma profissão apenas se conhecem para odiar-se.

Era bem melhor que não se conhecessem!

No Porto toda a gente sabe quem morreu, e quando morreu. Vê-se á noite passar um feretro, e todos dizem: É fulano. Em Lisboa, terra onde se não conhecem os vivos, tambem se não conhecem os mortos. Atravessam de dia a animação das ruas sem ninguem se preoccupar com elles. Uma das coisas que mais contribue para que as noites de Lisboa sejam alegres, ruidosas, festivas como são, é o não se verem passar os coches funebres, á hora em que se accendem as *vitrines* e os lampeões, e o não se ouvir dobrar os sinos lugubremente. Á noite, no Chiado, ninguem se lembra da morte. Ainda outro dia se suicidou n'uma hospedaria, como os jornaes noticiaram, um moço geralmente estimado: Affonso Mexia. Pois n'essa noite resplandeciam como sempre as janellas do *hotel*. Á hora de chegar o comboyo, havia á porta grande numero de trens que desembarcavam hospedes. E ninguem dizia:

—Morreu ali um homem!

Só os jornaes o disseram.

A morte é a mais triste das realidades. Ora sendo Lisboa a cidade das apparencias explendidas, quem se importa em Lisboa com essa triste verdade de que tambem para a vida ha occaso?

O que se quer é viver e gosar. Vive-se e goza-se.

V

Barjona de Freitas

A tout seigneur toute honneur.

Interrompemos as nossas impressões de Lisboa, relativas ao seu aspecto, á sua vida, aos seus monumentos, para esboçarmos o primeiro retrato dos poucos que nos é dado archivar n'este pequeno album de photographias.

A qualidade do photographado requeria penna e moldura condignas. Ficará reservada a tarefa para alguns dos vigorosos pintores em grande da nossa litteratura, quando algum dia se pensar em Portugal em completar a nossa galeria d'homens politicos brilhantemente aberta pelo fallecido Rebello da Silva com os seus *Varões illustres das trez epochas constitucionaes.* Nós, obrigados pelas circumstancias, copiamos apenas para o livro o esboço da nossa carteira, nobilitando estas fugitivas paginas com um nome que nos inspira a maxima sympathia, o maximo respeito, e o maximo reconhecimento. É simplesmente preito devido; não apotheose hyperbolica. O homem, o ministro, o cathedratico está superior ao nosso desenho, mas, se a estatueta não prima pela correcção, harmonia e elegancia das linhas e dos contornos, anima-a, imperfeita como é,

o fogo sagrado que nem todos os Pygmaliões merecem ao céo — a chamma vivissima da lealdade que flammeja espontaneamente no coração.

Não supponho o leitor tão exigente que se moleste com a interrupção do que eram puramente observações de viajante. Mas se o é, verifique que no titulo d'este livro está gravada a indole da narrativa. São *Photographias de Lisboa,* miniaturas traçadas na carteira no breve curso de quinze dias, retratos e paisagens, que tudo isso póde estar compendiado no titulo.

Se o leitor esperava *romance* no quinto capitulo, desesperado de já o não haver encontrado no primeiro, porque em Portugal, ha annos a esta parte, todos os viajantes encontram romances no wagão, no vapor ou na mala-posta, queira fechar o livro e não proseguir na leitura. D'esta vez não terá novella, o que foi realmente uma grave lacuna do meu plano, mas, se dispensa o romance comtanto que lhe fallem d'elle, então, leitor despeitado, não feche a brochura, e leia o capitulo seguinte.

D'este modo, assim reconciliados, atravessemos, ás oito horas da noite, a praça do Principe Real, outr'ora conhecida pela designação de Patriarchal Queimada, porque ali esteve antigamente a basilica de Lisboa e, se o leitor está impaciente pelo capitulo seguinte, não nos demoremos á beira do lago, que serve de deposito á companhia das aguas, illuminado agora pelos reverberos dos candieiros que o rodeiam, e vamos direitos á rua da Eschola Polytechnica, que nos fica a dois passos.

Saudemos, de passagem, o sumptuoso edificio do estabelecimento litterario que dá nome á rua, e a vasta officina onde funcciona a *Imprensa Nacional,* cuja prensa hydraulica ouvimos arfar.

Não nos fiquemos por emquanto esquecidos a ouvir o enxame de guitarras que se espaneja aos nossos ouvidos em todas as ruas da capital. Fallaremos da guitarra mais d'espaço. Agora vamos deixar o nosso cartão de visita a um dos primeiros homens do paiz, actualmente ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça.

Noblesse oblige.

Somos amavelmente recebidos pelo dono da casa, sem embargo das delongas com que a maior parte dos ministros usam difficultar a sua presença.

Estamos deante d'um estadista que deve a sua brilhante posição actual ao labor infatigavel com que desde os primeiros annos de sua mocidade procurou illustrar o espirito de natural inclinado á vida das letras.

Barjona de Freitas nasceu em Coimbra aos 13 de janeiro de 1833. Afidalgou-lhe o berço o nome de seu pai, o dr. Justino de Freitas, author das *Instituições de direito administrativo,* ainda hoje adoptadas no ensino universitario, jurisconsulto abalisado, e professor de direito administrativo na Universidade.

Requeriam as sagradas tradições de familia que o filho cursasse as aulas onde o pai deixára nome glorioso. Assim foi: Barjona de Freitas encetou e concluiu honrosissimamente a sua carreira academica, ob-

tendo premios e *accessits* em todos os annos, e tomando o grau de doutor em 29 de julho de 1855.

Intitulava-se a dissertação inaugural do illustre doutorando — *Será necessaria a conservação dos exercitos permanentes? E n'este caso convirá empregal-a nas obras publicas?*

Os creditos de Barjona de Freitas, de sobra garantidos durante a frequencia universitaria, e brilhantemente assellados nas conclusões magnas do seu curso, estavam promettendo o futuro cathedratico no moço de vinte e dois annos.

Effectivamente, Barjona de Freitas foi despachado substituto da faculdade de direito em 21 de junho de 1858. Dado o primeiro passo, aberta a senda laboriosamente desbravada, de dia a dia excediam as manifestações do seu talento os honrosos creditos da vespera. Regeu admiravelmente — segundo me diz pessoa entendida na materia, o dr. Julio de Vilhena, a quem devo a delicadeza d'estes apontamentos — a cadeira de direito criminal; depois a de direito administrativo. Hoje é lente cathedratico de direito publico.

Lançado na vida litteraria, não podia Barjona de Freitas ficar indifferente ao movimento sempre crescente da imprensa periodica. Tomou portanto parte na *Revista de legislação e jurisprudencia*, tendo a seu cargo a secção de jurisprudencia criminal e administrativa.

Revelada a sua competencia na Universidade e na imprensa, reconheceu a cidade de Coimbra a obrigação que lhe corria de enviar Barjona de Freitas a re-

presental-a no parlamento. Desempenhou-se do seu dever a illustrada cidade, elegendo-o deputado em 1864, e, tão affeiçoada ficou ao seu digno representante, que no anno seguinte tornou a elegel-o. Soubera o deputado alteiar-se á reputação do professor, e facilmente se explica, portanto, que Barjona de Freitas fosse chamado a gerir a pasta das justiças no ministerio da fusão.

Não podia o ministro desmentir o renome que o acompanhára desde a Universidade ao parlamento.

Barjona de Freitas assignalou condignamente a sua passagem pelas regiões do poder. Referendou a lei de 1 da julho de 1867, que poz em vigor o codigo civil; reorganisou o jury criminal; fez a reforma penal, abolindo a pena de morte e estabelecendo as penitenciarias.

A Universidade de Coimbra, que tantos varões illustres tem mandado ao parlamento, foi mais uma vez honrada na alta esphera da governação do paiz.

Se Barjona de Freitas não houvesse deixado o seu nome assignalado na cadeira ministerial que uma vez occupou, retirar-se-ia á vida privada, embainhadas as armas que, por grosseiras e mal vibradas, traiem a confiança dos fracos lidadores ou bandear-se-ia no enxame dos deputados que, uma vez expulsos do paraiso governamental, morrem á vista do que torna a ser para elles a Terra Promettida.

Nomeado novamente para gerir a pasta das justiças no ministerio que ainda se conserva no poder, está completando a reforma penal com a construcção

das penitenciarias e com o registro criminal, já publicado, trabalhando assiduamente na reforma da legislação commercial, que tem muito adeantada, e na do processo civil, quasi concluida. Além d'isto, que já não seria pouco, tenciona reformar o codigo penal e propôr o codigo do processo respectivo.

Não podêmos, n'este rapido retrato, separar do homem publico o homem particular. Lustram no cathedratico, no deputado, no ministro as mais estremadas distincções do cavalheiro. Olhar insinuante, palavra fluente e limpida, amenidade de tracto attraiem ao estadista as sympathias que Barjona de Freitas semeia.

Sabemos mais d'um episodio da sua biographia que é testimunho eloquente da dignidade do ministro. Poderiamos enumeral-os, se todos os que o conhecem de perto — e só esses o podem avaliar bem — não lhe fizessem inteira justiça, e não tivessem mais authorisado conceito do que nós.

VI

Photographia... da verdade

Garrett, que escreveu o mais delicioso livro de viagens que corre impresso em lingua portugueza, indirectamente perverteu a sinceridade de todos os viajantes posteriores.

O romance da Joanninha, aquella formosa Joanninha da janella de Santarem, intercalado na chronica das viagens, tem levado todos os viajantes litteratos a fabular novellas que se lhes deparam no caminho, tão enredadas, tão completas, e tão a proposito, que fazem suppor que, por uma inexplicavel harmonia da natureza, ali os estavam esperando desconhecidas dos outros viajantes e dos habitantes do sitio. Ninguem as viu anteriormente, nem mesmo os companheiros de viagem do letrado *touriste:* viu-as elle, porque as levava na phantasia, e porque a gente, por mais que veja, vê sempre tão pouco, que não póde encher com as suas observações um livro de duzentas paginas.

Vae no wagão uma senhora nada romantica, nada bella, nada inspirativa. Viu-se obrigada a viajar porque um seu cunhado, que é avarento, quer desapossal-a d'uma propriedade.

Isto é um roubo que nada tem de notavel, nem siquer está em costume chamar ladrões aos avarentos d'esta ordem.

O romancista, se a sua companheira de viagem é nova, copia-a na tela do seu romance, toma para si o papel do cunhado, rouba-lhe os olhos, rouba-lhe o nariz, rouba-lhe os dentes, e, não chegando a ser tão immoral que os vá vender a um dentista, aproveita-os todavia para seu uso e engasta-os na rosea bocca da heroina.

A pobre senhora está sonhando com as delapidações do cunhado á hora em que o viajante, escrevendo para um jornal, falla d'ella pelo seguinte lisonjeiro

modo: «Tu, que vais ainda peregrinando á procura da felicidade que te foje, alma attribulada pelas angustias do amor, perdoa-me se corro o mysterioso veu dos teus obscuros e ignorados soffrimentos.»

Ella perdôa de boa mente porque, ainda que leia o livro, não sabe que tudo aquillo é comsigo, e de melhor vontade perdoaria ainda se o escriptor, em vez de correr o veu aos soffrimentos, corresse o cunhado á bordoada.

Os officiaes do mesmo officio, ao lerem o livro, acreditam tanto a novella como acreditariam o author, se lhes dissesse que era fabulosamente rico, porque elles mesmos nunca na loteria lograram tirar a sorte grande nem em viagem encontraram coisa que parecesse romance. Os que não são da mesma profissão dizem, de si para comsigo, que os litteratos são uns entes privilegiados, que encontram dentro do wagão novellas e almofadas, quando elles são tão infelizes que, não encontrando nunca as novellas, nem sempre deparam com as almofadas para irem mais commodamente sentados. Eu tambem, — é chegada a hora de fazer exame de consciencia, — já uma vez fiz sentar n'uma penha do Bussaco uma gentil *miss*, d'olhos azues e cabellos loiros, que deu um romance tão pequeno como qualquer annel dos seus dourados cabellos. Confesso que fiquei vexado, quando os meus companheiros de viagem, publicado o livro, me surprehenderam em flagrante mentira. Desde então protestei não tornar a mentir em livros, excepto quando os livros fossem por indole mentirosos.

Este não é.

A photographia reproduz, copía, e, mais ou menos correcta, segundo a melhor ou peior distribuição da luz, não admitte retoques, embellecos, adulterações.

Antigamente, nas grandes navegações que se fiseram para descobrir o caminho da India, e das quaes nos restam valiosas chronicas, ninguem encontrou romance, porque o romance, com quanto seja antigo, não estava ainda em moda: encontraram apenas fabulas, e tamanhas, e ás vezes tão bem feitas, como a do Adamastor. Então era do estylo fabular á cerca dos costumes dos povos, dos trabalhos da rota e dos horrores do mar. Fernão Mendes Pinto tanto fabulou, que teve fama de mentiroso. Se Fernão Pinto vivesse hoje, quantos romances não intercalaria no texto da sua viagem! Agora, como se sabe, está em costume fabular romances, verdadeira exigencia do tempo, que por isso, e não pela superioridade da nossa phantasia, se tornou moda. Ha por ventura imaginação hoje que valha a do peregrino Fernão? O caso é outro. Depois das navegações começaram as jornadas, depois da caravella veio a azemola. Realisado o ideial, descoberta a India, dilatado o horisonte portuguez até onde o rasgára Vasco da Gama, recolheram as naus conquistadoras, emmudeceram os echos da praia do Rastello, e principiou a fazer-se sentir a indolencia que se segue ordinariamente aos grandes trabalhos por mar e por terra. De mais a mais o fausto da côrte de D. Manoel pendia para Capua. Havia riquezas para todas

as ambições; a aurea porta do Oriente, uma vez aberta, deixava rolar ás costas lusitanas as grossas barras do seu finissimo ouro. O paiz enriqueceu subitamente. Era tal a abundancia desembarcada das naus que se repatriavam, que o mesmo rei, proporcionalmente o mais rico, se viu obrigado a fazer largos presentes de pedras preciosas, cheiros, especiarias, drogas e animaes. O papa teve um elephante, cuja tromba salpicou de aromaticos liquidos a pessoa de sua santidade, mal que a avistou á janella do Vaticano. Grandes beneficios receberam tambem da mão do rei opulento os religiosos de todas as ordens portuguezas e castelhanas. A chamada Casa da India chegava para tudo: dava esmolas annuaes de incenso para o culto divino, e especiarias e drogas para a cosinha das communidades. Entre parenthesis se diga que foram os calidos temperos importados da India que, a nosso ver, accenderam nos mosteiros a febre da mundanidade. Chamou-se ao reinado de D. Manoel a idade d'ouro, e realmente é bem cabida a locução sem metaphora nem hyperbole. Os vassallos seguiram o exemplo do soberano: tornaram-se prodigos. Entraram, como as communidades monasticas, de foliar e filhar. Jornada hoje, jornada amanhã: os portuguezes tinham adquirido o habito de vencer caminhos depois que venceram os mares. O reinado de D. João III foi uma consequencia do reinado de seu pai: paz geral, por effeito da enervação, e influencia das ordens religiosas, acirradas e enriquecidas por D. Manoel, a ponto de se estabelecer a santa inquisição publica para as coisas da fé.

Mas, revertendo ao nosso ponto, diremos que data d'então o amor pelas jornadas. Eram morosas, repousadas, e accidentadas de sobra para darem margem a uma verdadeira odyssea. Occorriam terrificos casos de salteadores, que appareciam nos mais sombrios pinhaes. Algumas localidades chegaram a tomar nomes tetricamente legendarios, como por exemplo *Terra Negra,* na estrada do Porto a Braga. A *Terra Negra* era um covil de feras humanas. Quando não appareciam os salteadores nas florestas, appareciam os lobos nos montes. Os mais famigerados ladrões de Portugal são d'esse tempo: o Brandão de Midões e o José do Telhado.

Os episodios da jornada bastavam para dar uma chronica em dois volumes. Hoje a locomoção é outra: rapida, certa, vertiginosa. O caminho de ferro devora as distancias e os episodios. Apartou para sempre, correndo fumegante por entre elles, os salteadores que surprehendiam a liteira e o macho. Encurtou os horisontes, retalhou as paisagens, acabou com as hospedarias sinistras, com os pavores nocturnos, com os lobos famelicos, com os pinheiraes-covis. Passa assobiando e bamboando nos ares o seu longo pennacho escuro e vaporoso. É o gigante do progresso, e quem ha de affrontar gigantes? Mas os escriptores que vão dentro não vêem o que antigamente viam. As povoações passam-lhes deante dos olhos n'uma dança phantastica. Não ha episodios, não ha aventuras. Todavia é preciso fazer um livro. E como? Duzentas paginas e

duzentas mentiras? Não podia ser. Venha então uma só, bonita, colorída, gentil,—o romance.

Ora se o romancista tem obrigação de mentir, o photographo tem obrigação de copiar.

VII

José Carlos dos Santos

Estamos no theatro de D. Maria II. Este theatro representa para nós, e para todo o paiz, o nome do primeiro actor portuguez.

Santos está no camarim, de charuto ao canto da bocca, rodeado d'amigos, espreitado da porta pelos seus mais enthusiastas admiradores, remurmuram ainda na sala os echos da sua voz, passa-nos ainda nas veias um fremito de enthusiasmo, e é n'este momento, unicamente n'este momento, que podêmos fallar d'elle, emquanto os instrumentos descançam, e flammejam as lantejoulas dos leques inquietos, e o panno não sóbe, e Santos não reapparece...

Temos de nos dar a agilidade caprichosa da borboleta, o leitor e eu. Eu, porque tenho de lhe dizer alguma coisa, n'um abrir e fechar d'azas; o leitor, por que tem de me acompanhar, se o nome do actor Santos, como espero, o convidar a lêr estas paginas.

Estamos no theatro, e todavia passaremos ligeiros

pelo theatro; mas não tão ligeiros que não reparemos que ha ainda theatro em Portugal...

Grita-se que o theatro morre, mas não haja receio de vêr ruir a fabrica quando ha ainda uma legião de semi-deuses a sustentar-lhe a cupula. São elles, estes vigorosos Atlantes da arte, os que hão de expulsar do templo os vendilhões da opereta e riscar do rotulo da fachada o nome d'Offenbach.

Verdade é que o theatro não é já em Portugal, como não é em parte alguma, o que outr'ora foi na Grecia — um culto nacional.

O cyclo dos espectaculos dionysiacos, pagos pelo governo, passou, porque a epidemia européa, que definha os erarios, vai avassallando as mais explendidas côrtes. O theatro arrosta depois a influencia religiosa da idade-media, sacode de si o mysticismo dos mysterios christãos, lucta mais tarde com a igreja para se desaggregar d'ella, abre em França o cyclo da Renascença com a *Cleopatra captiva* de Estevão Jodelle, e chega aos nossos dias não com o caracter de instituição nacional, como na antiguidade hellenica; não como solemnidade religiosa, como na idade media ; mas como a grande eschola da vida, onde se dá em espectaculo a alma da humanidade, com as suas paixões, as suas luctas, as suas heroicidades e as suas mesquinhezas.

É n'este grande laboratorio psychologico, deixem-me assim dizer, que não só dissecamos a sociedade de todos os tempos, mas que tambem escalpelisamos a nossa propria alma. Temol-a ali, deante dos olhos, frente a frente, encarnada em outros corpos, fallando

por outros labios, mas vêmol-a luctando nas luctas em que estamos empenhados, soffrendo as dores obscuras que nos dilaceram, exultando nas alegrias que nos rejubilam. É ella, a nossa alma, concretisada ali, com olhar, com voz, com gesto; somos nós mesmos os actores, nós, os que estamos assistindo; o drama é a nossa vida, o palco é o nosso coração...

O theatro está pois tão intimamente ligado ao homem, é tão seu, tão elle mesmo, que se póde asseverar que o theatro não acabará em quanto no mundo houver dois homens, — um que soffra e goze, e outro que reproduza os gozos e os soffrimentos d'esse.

A missão do actor é pois trabalhosa, suada e triste. Tem de se estudar a si mesmo para estudar a sociedade; tem de se concentrar para generalisar depois; tem de anatomisar a humanidade em si proprio e de se estar representando a cada momento na humanidade.

Precisa d'uma alma ampla como o oceano, para accommodar os seus jubilos e os alheios, para soffrer por si e pelos outros. É assim que um grande actor inglez, Garrick, aprende a interpretar magistralmente a loucura do rei Lear, vendo como perde a razão um pae que, debruçado da janella, deixa cahir o filho dos braços.

Mas entre o sentir e o reproduzir, medeia um grande abysmo. É preciso que o talento do actor o transponha. Urge pois que não só saiba retalhar anatomicamente a sociedade, mas que a recomponha depois, que a resuscite, que lhe imprima movimento, que lhe dê alma, que faça fallar a estatua...

Em tudo isso vai longo soffrimento, profundo estudo, muitas lagrimas e muito desespero.

É essa a razão porque o author da *Vie des Comediens* compara a vida do actor ao fructo colhido por Chateaubriand nas margens do lago Asphaltite — o qual fructo continha cinzas dentro d'uma casca dourada.

É esse ainda o motivo porque o mesmo escriptor refere: « A vida dos actores, ainda quando dourada exteriormente pelo successo e pela fortuna, é todavia mais triste, no fundo, que nenhuma outra. O habito d'observar, de analysar, leva facilmente á melancolia. Que soffrimentos e que trabalhos para estudar um papel! que fadigas, que esforços para o desempenhar! E como o resultado é sempre incerto! como o successo é contingente! Quando se está vesado a applausos, um assobio póde matar. O ultrage é publico e directo, e nem siquer ha o direito de replicar!»

Depois de comprehendermos levemente o que seja o actor, o que é a sua vida, o seu trabalho, a sua recompensa, podemos fallar de Santos.

Aqui tendes um homem que nasceu actor, que sonhou com a gloria desde pequeno, que se namorou do theatro desde os primeiros annos. Era muito moço, escholar talvez, e não sabia resistir ao chamamento da arte, que lhe acenava da scena. Só se julgava feliz quando espreitava d'entre os bastidores para o palco, quando via passar perto de si, bem perto de si, a ponto de lhes sentir a respiração, os artistas que recolhiam aos camarins frementes d'enthusiasmo.

Quizeram desvial-o os mesmos actores seus conhecidos, queria destinal-o a um curso superior a familia, e Santos atravessaria todo o mundo como um vasto deserto, para só respirar, sonhar, e viver ditoso n'um oasis unico — o theatro.

Era ali, na lucta das paixões, no certame das intelligencias, n'aquelle pleitear de talentos, que elle se ía familiarisando com a bitola por onde o publico aferia cada noite os primeiros talentos do theatro d'então.

Começou por ser... nada, que é sempre por onde se começa. Foi talvez o que ha de menos no theatro, foi dois N. N., um actor sem nome e sem classificação.

Tinha subido o primeiro degrau; era pouco, e elle queria muito. Deram-lhe um papel no *Guigi*, de Gomes d'Amorim, e depois de ser nada, e depois de haver sido alguma coisa, foi o que nem todos os homens conseguem ser — diabo!

Ah! foi diabo, sim, diabo de magica, um diabo alegre, cheio d'alento e de mocidade, n'uma peça espectaculosa que se dava então, a *Fada do Fritz*.

Parece que não desgostou do papel que fez, porque realmente a gloria tem alguma coisa de satanica. Quer a nossa alma para si, chama-a, tenta-a, e dispõe d'ella livremente. Foi o que lhe aconteceu.

Já não era de si mesmo, já lhe não pertencia o seu destino, o seu nome...

O seu nome, tambem, que esse começou a ser mais do publico do que d'elle.

Santos passou de theatro em theatro, da rua dos Condes para D. Fernando, e de D. Fernando para D. Maria.

O seu nome ia já adeante d'elle; muitos conheciam o actor e nunca tinham tractado o homem.

Dignou-se a côrte portugueza dispensar-lhe protecção. El-rei D. Luiz mandou-o a Paris, e elle partiu jubiloso, resoluto, com a coragem d'uma convicção profunda...

Em Paris instruiu-se, completou-se. Respirou des afogadamente n'aquella atmosphera da arte, conversou os primeiros actores, entrou nos primeiros theatros.

Faltava-lhe apenas aquelle baptismo artistico, aquelle atravessar pela primeira scena do mundo.

No caminho, quando regressava á patria, esperava-o um episodio curioso.

Tinha sido diabo na sua terra, faltava-lhe ser indio em França. As suas faces morenas, requeimadas ao sol dos *boulevards*, os seus cabellos lustrosos, os seus olhos scintillantes, contribuiram para o engano.

N'uma estação do caminho de ferro era esperado um indio. Santos foi indigitado como tal, e balbuciou, e impressionou-se, e sobresaltou-se por haverem pretendido que não fosse... portuguez; — unicamente por isso.

Desembarcou do wagon e entrou no theatro.

Era ao theatro que elle se queria dar, é para o theatro que tem vivido, e no theatro que viverá.

A sua alma sentia dilatar-se aos applausos das plateias. O actor quiz ser mais — foi tambem author. Di-

zia-lhe a historia que Gil Vicente compunha e representava em Portugal, e Plauto em Roma, e Shakspeare em Inglaterra, e Molière em França.

Escreveu pois para o theatro, e pendurou no mesmo trophéo a sua palma d'actor, e a sua corôa de dramaturgo.

Isto é o que da sua vida se sabe, o que nós podemos confidenciar, unicamente. Agora os seus arroubos, os seus extasis, os seus sonhos, não os sei eu reproduzir. O que elle sente, emquanto a orchestra preludía, não o sei dizer tambem, mas dil-o Talma, o proprio Talma, que nos revela muito do que vai no intimo do actor.

«A musica — escrevia elle—produz uma grande impressão na minha alma. Eu queria sempre ouvil-a antes d'entrar em scena, porque ella me dava uma como exaltação favoravel ao desenvolvimento das minhas faculdades moraes.

«Representa-se melhor quando se soffre. As contrariedades fazem bem... No dia em que representei o *Othello*, tinham sido guilhotinados os girondinos. A mágoa agita os nervos, e põe o systema nervoso n'esse estado morbido necessario para desempenhar bem a tragedia.

«É raro que eu tenha representado um papel commovente sem chorar lagrimas reaes...»

Ah! essas, que as ha de ter chorado Santos, de certo, esconde-as no camarim, onde deixa o segredo das suas dôres e das suas alegrias.

No palco, deante do publico agitado e ancioso,

Santos é o que deve ser o actor: sente dentro em si a alma da humanidade; sabe chorar, quando lhe pedem lagrimas, e rir, quando reproduz os jubilos d'outrem.

Entra-lhe no coração, como flamma electrica, o pensamento que lhe entregaram, e eil-o então Protheu da arte, tudo o que quer ser, percorrendo rapidamente a escala variadissima dos sentimentos humanos — o ciume d'Othello, a melancolia de Hamlet, os extasis de Romeu, a paixão de Antony, e o orgulho de Maximo Odiot.

E então anima-se d'estranho fogo, e ergue-se, e sobrepuja todas as difficuldades, e vence todos os perigos, e é grande, e é heroe, e é semi-deus.

É preciso vêl-o, fóra do theatro, fallar com nós, sorrir como todos, saber que toda a gente o festeja, que é empresario, que dois paizes o condecoraram já, Portugal com o habito de S. Thiago, e Hespanha com a commenda de Isabel a Catholica, para nos desenganarmos de que vive como nós, e anda, e fuma, e põe chapéo como todos.

Então desapparece a illusão, mas subsiste a admiração pelo seu talento, o respeito pelas suas qualidades, e todos os braços se arqueiam para cingil-o contra o peito.

Cumpre recordar todavia que vai findar o entreacto.

Vão descançar os leques que fremem nos camarotes, o panno vai subir, e dentro em pouco Santos reapparecerá.

Então fixar-se-hão n'elle todos os olhares, dominará elle em todos os espiritos e eu, que tenho estado a fallar a seu respeito, vou terminar, para não deixar de o applaudir sinceramente, enthusiasticamente...

VIII

Os burgaus

Para os burgaus agudos, incisivos, molestos das ruas de Lisboa, só as antigas botas realengas do fôro de Alcobaça.

Não sei se o leitor entende cabalmente a allusão, e n'essa duvida vou illucidal-o sobre o que seja o foro das botas d'Alcobaça, pedindo de antemão desculpa da divagação, que presumo um pouco longa.

Sabe, se não pertence ao respeitavel numero dos que primeiro vão á exposição de Vienna que ao Bom Jesus do Monte, em que parte de Portugal se cava o valle do mosteiro fundado por D. Affonso Henriques, em cumprimento de promessa que fizera se tomasse aos mouros Santarem com 250 soldados lusitanos recrutados em Coimbra. O rei teve razão em tomar o successo por milagre: ou os mouros eram 125 ou os nossos soldados estavam espiritados por favor divino. Alcançada a victoria, escreveu D. Affonso Henriques a S. Bernardo, abbade de Claraval, por intervenção

d'um gentil-homem que foi a França, e logo com o nobre medeador passaram a Portugal alguns monges francezes para realisação do voto que fizera o rei.

Recebeu-os D. Affonso Henriques em Coimbra, e breve se partiram d'alli a lançar em terras d'Alcobaça a primeira pedra do mosteiro.

Aqui está como se levantou no valle, em que toda a villa assenta, o vasto edificio. Fez o real fundador largas concessões ao mosteiro e seus abbades, que se gosavam de attribuições episcopaes e principescas. Alli ordenou Affonso Henriques que fossem enterrados os reis portuguezes, e, como se igualmente houvesse ordenado que os seus successores amassem o mosteiro d'Alcobaça, todos elles, até D. João IV, lhe fizeram grandes mercês em vida e grandes esmolas por morte.

D. Affonso II legou em seu testamento aos monges d'Alcobaça dois mil maravedis e todas as suas joias d'ouro, além d'outras concessões. D. Affonso III foi amantissimo do real mosteiro d'Alcobaça e, não contente com doar-lhe vastas propriedades, alliviou-o do fôro das botas.

Ignorava decerto o leitor ser costume que, indo os reis de Portugal em visitação ao mosteiro de Alcobaça, lhes dessem os monges, reconhecidos á concessão do padroado real, um par de botas ou sapatos á escolha dos serenissimos hospedes.

D. Affonso III reconheceu, porém, que era pesado o encargo, e absolveu da obrigação os monges pela carta seguinte:

«Noverint universi præsentem chartam inspecturi

quod ego Alphonsus Rex Portugalliæ, et Algarbii promitto, mando, et concedo, quod de cætero nunquam Monasterio Alcobatiæ petam, nec demandem botas, nec balegoens, nec sapatos; sicut hactenus petii, ac demandavi: et mando, et concedo quod non sint eidem Monasterio pro foro illæ botæ, et balegoens, et sapati, quos inde hactenus mihi dederunt; et mando, et concedo quod nullus de meis successoribus de cœtero petat, nec demandet illos Monasterio supradicto; et quicunque aliud fecerit habeat maledictionem Dei, et meam. Dat: Ulixbone; die Novembris Rege mandante era de 1314.»

Documento que póde traduzir-se:

«Saibam todos os que virem a presente carta, que eu, Affonso, rei de Portugal e do Algarve, prometto, ordeno e concedo que d'oravante nunca pedirei nem nem exigirei ao mosteiro d'Alcobaça botas, balegões nem sapatos, como até aqui pedi e exigi: e ordeno e concedo que o mesmo mosteiro não tenha como foro aquellas botas e balegões e sapatos, que até aqui me dava; e ordeno e concedo que nenhum dos meus successores os peça ou exija ao supradito mosteiro; e tenha a maldição de Deus e a minha aquelle que fizer o contrario. Dada em Lisboa por ordem do Rei aos 3 de novembro de 1314.»

Frei Manoel dos Santos, escrevendo do caso, pondera com entranhada candura «Verdadeiramente que faz saudade a singelesa d'aquelles tempos!»

Isso faz, frei Manoel!

Abençoado para os reis o tempo em que calçavam

de graça, e para os monges a epocha em que eram alliviados da contribuição d'um par de botas!

Hoje todo o mundo calça á sua custa: reis e vassallos.

Isto vai mal!

Com relação á carta regia observa o chronista: «O latim da carta é de tão boa condição que bem póde passar por portuguez.»

Tambem é verdade!

A prova está em que ahi vai a traducção sem auxilio de diccionario.

Falla ainda Frei Manoel dos Santos e depois não diz mais nada: «... o serenissimo Senhor D. João IV a primeira vez que veio ao Real Mosteiro d'Alcobaça lembrou aos Monges a conhecensa dos sapatos; foi o primeiro signal, com que nos assegurou, de que tinhamos n'elle o mesmo amor dos seus serenissimos Ascendentes.»

Todavia D. João IV, menos venturoso que os seus serenissimos ascendentes, voltou com os balegões que tinha levado.

Esta descoberta do foro das botas é summamente importante. Prova ella:

Primeiro — Que os primeiros reis portuguezes calçaram botas;

Segundo — Que a sapataria já florecia em Portugal, no principio da monarchia, o bastante para não ser recusada pelos reis;

Terceiro — Que as melhores botas de Portugal sahiram do real mosteiro d'Alcobaça;

Quarto — Que desde D. Affonso III começou a declinar a sapataria por ser abolido o certamen em que os sapateiros do paiz disputavam a feitura das botas reaes;

Quinto — Que no tempo de D. João IV era tão inferior o calçado, mesmo para os reis, que o principe teve saudades das botas d'Alcobaça.

Sexto — Que o fôro dos balegões teve certamente origem nos horrores que os servos do mosteiro contavam aos monges ácerca do trilho das ruas da capital, quando iam a Lisboa buscar grandes abastecimentos ás casas de mercearia de Belem ou porventura despachar cartas de perfilhamentos perante a mesa do Desembargo do Paço.

Os monges, cuidando que o rei algumas vezes passearia a pé para maior prazer de seu povo, e que os burgaus das ruas lhe molestariam as plantas, lembraram-se acaso, reconhecidos á concessão do padroado real, de presentear os soberanos com balegões que não só lhes fossem allivio em Alcobaça mas tambem resguardo em Lisboa.

D. Affonso III, que provavelmente sahia pouco a pé, talvez em razão da sua velhice, sendo que morreu de setenta annos, dispensou os monges d'Alcobaça do foro das botas que elles voluntariamente se haviam imposto, o que todavia nos não parece tamanho acerto como o de tomar aos mouros grande parte do reino do Algarve.

Os calhaus cuneiformes das ruas de Lisboa ficaram lacerando as carnes, e perdeu-se o segredo da feitura

d'aquellas botas que hoje deviam de ser, visto que reis e vassallos calçam por igual theor, verdadeiro regalo d'uns e outros ao transitarem nas ruas de Lisboa.

O mau trilho explica seguramente o facto de andarem calçadas as classes baixas da capital. Não ha vendedor ambulante nem mendigo que não arraste uma sandalia velha e empoeirada.

O macadam portuense lembra com saudade em Lisboa. Quanto não desejarão os francezes o asphalto das suas ruas?

IX

Caracteres

Já é tempo de consignarmos trez nomes, que nos recordam uma insoluvel divida de gratidão.

São elles os dos snrs. A. C. Cau da Costa, actual governador civil de Lisboa, cavalheiro muito conhecido e estimado no Porto, onde exerceu o cargo de secretario geral; do snr. Manoel Pedro de Faria Azevedo, actual procurador regio, tão merecedor das sympathias e respeitos dos seus empregados, e das pessoas que o conhecem, pela suave lhanesa do seu tracto como pela nobre integridade do seu caracter; finalmente, o do snr. Henrique Ó Neil, director geral do ministerio das justiças, que tive occasião de conhecer no ultimo dia em que

exercia o seu cargo por haver sido nomeado, como é notorio, aio dos principes. Hoje substitue dignamente ao snr. Ó Neil, chamado á côrte, o nosso presado mestre e amigo, o dulcissimo poeta do *D. Jayme* e da *Delfina do mal,* Thomaz Ribeiro.

Já que estamos em lance de recordar nomes, consagremos-lhes este capitulo, pois que as exiguas dimensões do livro nos não permittem ser mais extenso em assumpto em que por vezes o coração se desejaria espraiar. Archivemos, não o retrato, mas o nome de Latino Coelho, e assim provaremos ao brilhante escriptor que somos gratos á amabilidade com que nos honrou.

Ao nome do biographo facilmente se associa o do biographado. Fomos encontrar o visconde de Castilho no meio da sua vasta livraria, dictando ao seu secretario. Assim é que passa inalteravelmente as manhãs dos seus setenta e trez annos, trabalhando, trabalhando sempre, ouvindo a voz amiga dos livros, que até de noite hão de conversar com elle memorias d'outro tempo, porque o visconde de Castilho tem o seu leito collocado a um dos lados da livraria. Ali é que elle quer viver; d'entre os seus livros só sahirá para o tumulo.

Um trabalhador recorda outro. Depois de Castilho, Pinheiro Chagas, caracter sincero, espirito brilhante, que versa com igual facilidade todos os assumptos, que publica dois volumes por mez, e que, antes de acabar uns, já principia, bem disposto d'animo e corpo, — porque dispõe d'uma saude robustissima — os do mez seguinte.

Ao entrar na sala de visitas de Pinheiro Chagas, acompanhado pelo meu querido Julio Machado, de quem fallarei mais d'espaço, como a nossa amisade requer, causaram-me profunda impressão dois magnificos retratos d'el-rei D. Pedro V e da rainha D. Estephania, subscriptos pelo mollogrado principe, que os offereceu ao major Joaquim Pinheiro Chagas, seu secretario particular, e pai do festejado escriptor.

Era que eu tinha, momentos antes, traçado algumas paginas da *Porta do paraiso,* commovido do triste destino d'essas duas almas, tão irmãs e tão candidas, que passaram deslumbrando, caminho do ceu!

Foi provavelmente deante d'esses dois quadros que o laureado author dos *Vermelhos, brancos e azues,* escreveu estas formosas paginas:

«Quando ás vezes, nos arredores de Lisboa, os populares encontravam D. Pedro V de braço dado com sua esposa, em algum longo passeio de pombos namorados, ao verem aquelle par sympathico, elegante, que passava como que banhado pelas melancolias do sol poente, respirando os vagos perfumes campestres, escutando os rumores do descahír da tarde, ao verem aquelles dois moços, que pareciam reflectir nos olhos um do outro a pureza e a bondade das suas almas, ao verem aquelles juvenis esposos, que passavam sem cortejo, nem guardas, simplesmente, amando-se, conversando em voz baixa, sorrindo-se um para o outro, communicando-se as suas impressões, os populares, os camponezes, não os saudavam simplesmente, chegavam á porta das choupanas, com as mulheres e os fi-

lhos, e comprimentavam-n'o como se comprimenta um amigo com um sorriso nos labios, com as lagrimas nos olhos, como se saúda um filho que se estremece, que é quando o vemos mais risonho, mais cheio de saude, de vida e de alegria, que sentimos como que brotarem as lagrimas da exuberancia do jubilo, e que murmuramos com os olhos arrasados d'agua: «Oh! Deus, se elle nos falta!»

«E depois, quando effectivamente aquellas duas pombas da realeza voaram em busca uma da outra, e ambas chamadas pelos effluvios da primavera do ceu, formou-se a lenda como uma aureola em torno d'essas duas cabeças poeticas, e o povo julgou talvez que n'uma d'essas tardes de outomno, quando iam ambos contemplar o campo, e o rio e a cidade, viera um raio do sol, e, enlaçando as suas duas almas, as levara para o ceu, para as furtar ás sombras, á tristeza á amargura da terra e da noite.»

Vem agora os nomes de Teixeira de Vasconcellos, escriptor que fiquei estimando depois que cortezmente pleiteamos, elle no *Jornal da noite*, eu no *Jornal do Porto*, a proposito da *Biographia de Julio Diniz;* de Luciano Cordeiro com quem desde muito tempo me carteei, e a quem só pude fallar até hoje uma vez, no *Martinho;* de Rangel de Lima que me foi agradabilissimo *cicerone* nos primeiros dias de Lisboa, e a quem tenho na conta d'amigo intimo; de Eduardo Coelho, redactor do *Diario de Noticias,* collega obsequioso e amigo desde o principio da minha obscura carreira litteraria; de Ramalho Ortigão, que estava ausente em

S. José de Ribamar, quando eu cheguei a Lisboa, mas que me enviou o seu nome sotoposto a algumas espirituosas linhas que denunciavam o musculoso athleta das *Farpas*.

Somos finalmente chegados a Julio Cesar Machado, o coração mais dedicado, mais franco, mais expansivo que eu conheço. Raro talento que escreve os seus livros conversando comsigo mesmo, á falta de interlocutor, e que conversando escreve folhetins de finissimo espirito para o limitado publico de trez ou quatro amigos. É o mais elegante contista de que tenho conhecimento. Tudo falla n'elle: os olhos, que são d'um brilho verdadeiramente peninsular; a cabeça, que, com notavel vivacidade, acompanha os movimentos dos olhos.

Lendo ou fallando, a sua voz requebra-se n'umas suspensões nada affectadas, que dão um colorido, só d'elle, a quanto lê ou diz. Ouvi-lhe um folhetim que havia acabado d'escrever para um jornal de provincia: era impossivel dar mais vida ao dialogo, mais justa inflexão aos ditos maliciosos, mais veneno a umas liberdades, que não chegaram, depois d'impressas, a melindrar o pudor da musa do folhetim.

Na casa de Julio, na sua modesta casa da travessa do Moreira, está o escriptor: tudo simples, alegre, baralhado e artistico. Quadros, retratos, livros, jornaes, flores, estatuetas, bengalas, charutos, um labyrintho em que todavia ninguem chega a perder-se... sendo homem. Eu explico a phrase, que póde parecer descomposta. E' que as mulheres, por naturalmente

timidas, facilmente se confundiriam no cahotico *atelier* do Julio.

Uma das muitas curiosidades, que denunciam o escriptor na *menage*, é um valioso album em que a par dos authographos figuram os retratos das maiores notabilidades europeas. Lá estão, reproduzidos d'um lado pela photographia, do outro pelo proprio estylo, Lamartine, Victor Hugo, Vacquerie, Gauthier, Auber, Janin, Herculano, Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Castilho, Camillo, etc., as nossas glorias e as estranhas.

A proposito dos escriptores francezes do album, fallamos, á segunda vez que nos viamos, de litteratura franceza. Não sei qual de nós passou dos talentos masculinos da França para os femininos. Provavelmente foi o Julio. O que é certo é que occorrendo-me o nome de Sophia Gay, mãe de Delphina Gay, hoje madame de Girardin, lamentei não haver encontrado o seu nomeado livro *Physiologie du ridicule*. E' effectivamente raro este livro, cuja primeira edição data de 1833.

—A's vezes, disse o Julio levantando-se e abrindo a sua livraria, encontra-se a felicidade onde se não espera. Todavia é mais facil encontral-a debaixo d'um telhado do que debaixo d'uma pedra, d'onde a desencantou o nosso Camillo.

E tirando para fóra um livro:

— Ora se você póde reputar felicidade instantanea o encontrar a *Physiologia do ridiculo*, alegre-se que vai vel-a.

E, escrevendo alguma coisa na primeira pagina, accrescentou:

— E lel-a.

O Julio havia escripto:

«*Ao seu amigo Alberto Pimentel — lembrança de Lisboa em outubro de 1873.*

Julio Cesar Machado.»

E entregando-me o livro:

— E tel-a.

Era impossivel recusar; acceitei.

O leitor está provavelmente com interesse de lêr a *Physiologia do ridiculo*. Na impossibilidade de a transportar na sua integra para estas paginas, pela rasão de ser maior que este livro, limitar-me-hei a traduzir um dos capitulos, talvez dos mais interessantes, que tem o titulo que vamos dar ao capitulo seguinte.

X

Um ridiculo applicado á politica

«Que ha de mais ridiculo que a inconsequencia, a importancia e a hypocrisia dos interesses sob a mascara do patriotismo? Que de mais risivel que uma mediocridade subida ao poder; que um orador ministro

que se meneia para provar a uma maioria fluctuante que lhe deve conceder este anno o mesmo orçamento contra o qual tanto barafustou no anno anterior? Que nome dareis vós ao bom do deputado, ainda commovido dos juramentos que lhe ganharam os votos de todos os liberaes do seu circulo! a esse ingenuo patriota que, pela seducção d'um jantar ministerial, é levado a votar contra a fé jurada, na firme crença de que a sua religião acaba de ser illuminada pela eloquencia d'um advogado com pasta? Que se ha-de dizer do franco revolucionario, que uma sedição volveu personagem, e que se annuncia hoje implacavel contra tudo o que possa perturbar a ordem ideial do seu governo ephemero; e do antigo defensor da imprensa, que todos os dias assigna mandados de prisão contra os escriptores do partido que já renegou; e da classe dos eternamente descontentes, sejam quaes fôr as dynastias, os governos, os triumphos ou os revezes, e sempre contentes de seu descontentamento?

«Todos elles são ridiculos, e nós não temos a pretenção de demonstrar verdade tão commum; o que queremos provar é que unicamente a seus ridiculos devem as vantagens da posição.

«Em tempos de perturbações, quando tudo muda, que homem é fiel a seus principios? Um amuado inutil, que se vai desterrar em algum velho castello, se é castellão, ou em algum retiro campestre, se é philosopho. Resignado a tudo que não seja bandear-se nas intrigas que pullulam de cada revolução, deserta sem combater, e vai condemnar á ferrugem que róe os me-

lhores instrumentos quando não servem, os talentos, a capacidade tão necessarios aos melhoramentos como ao restabelecimento da ordem.

« É unicamente o receio de parecer ridiculo que leva a este crime de lesa-nação. Que de homens de merito estremecem só com a ideia de verem as suas innocentes manias, os seus leves caprichos domesticos, denunciados em termos burlescos n'um jornal de dez reis, ou guilhotinados em effigie n'uma divertida collecção de caricaturas! Saber-se-ha que fizeram maus versos na mocidade; que sua mulher não é bonita; que tiveram certa predilecção pela republica, o imperio ou a legitimidade: boa desgraça! E é pois a estas considerações pueris que sacrificam credito, dinheiro, valimento, e, o que é mais, o bem que podiam fazer.

« Posta mesmo de parte a differença de meritos, attentae na vantagem do homem para quem o passado é vasio de recordações, e o presente um abysmo de alegria onde vão engolphar-se os escrupulos, os remorsos, se os tem, até os receios do futuro. Com que feliz audacia, desembaraçado dos pequenos laços que estorvam o passo ao genio, não entra de destruir, crear, reagir, demittir, nomear, n'uma palavra de executar todos os melhoramentos que lhe hão-de ser proveitosos! Falla-se á bocca cheia da sua politica industriosa, dos seus golpes d'estado, phantasticos; algumas folhas, que se manteem independentes, fulminam-n'o com epigrammas: elle deixa dizer, lêr, rir, e, novo deus da occasião, prosegue em sua carreira frechando sobre os obscuros detractores uma torrente de decretos.

« — Já viram coisa mais ridicula? perguntam-se os administrados, que estão perfilados uma hora em dia de recepção.

« — Santo Deus, não! Então ridiculo como este ainda cá não veio outro! Se não fosse o receio de que meu irmão perdesse o logar, decerto que me não resolveria a vir cumprimentar similhante tolo. Mas que querem? Tem direito de vida e morte sobre a minha familia, e uma demissão reduziria á pobreza meu irmão e os filhos: é preciso resignar.

« — Essa é tal e qual a minha historia, diz outro: tenho á minha conta um diabrete d'um sobrinho, que não sei o que lhe hei de fazer; nunca se quiz sujeitar a nenhum estudo sério; os prazeres de Paris desandam-lhe a cabeça e arruinam-n'o: quero affastal-o durante alguns annos para a provincia, e pedí para elle a sub-prefeitura de L.... É uma bonita cidadesinha, um pouco turbulenta, mas onde é muito agradavel viver.

« — Menos em dias de revolta, penso eu, sobretudo para um pobre sub-prefeito; peça antes M. D...

« — Pouco me importa, replicou o tio pretendente, é a sua obrigação; sendo nomeado, que faça como os outros.

« Effectivamente fez como os outros.

« Entrou de bulhar com muitas authoridades do seu departamento; denunciaram-n'o; defendeu-se como pôde; riram-se da sua prosa, da sua farda bordada, das suas grandes pretensões e do seu pequeno espirito; e, de chacóta em chacóta, chegou a uma das melhores prefeituras da França.

«Ah! se é verdade que a malicia humana, esta hyena dos desertos do mundo, pede uma victima, que pressa nos não devemos dar para sacial-a offerecendo-lhe a devorar alguns bons ridiculos! Concedido á sua voracidade tão pequeno sacrificio, viaja-se sem receio, sem obstaculo no vasto paiz da ambição; e se, já providos do genero, lhe podeis offerecer alguma birra inveterada, alguma enfermidade risivel, não tem limites então a vossa fortuna!

«Contente de vos poder chamar surdo, coxo, cambaio, zarolho, o povo dos invejosos, dos basbaques chocarreiros, deixar-vos-ha cavalgal-o, se tanto fôr preciso, para attingir fim mais elevado. Podereis dirigir a Europa do canto da vossa mesa de wisk, dispôr de thronos e pastas, de logares e portanto de consciencias; fallar-se-ha do vosso espirito, dos vossos bons ditos, e até vol-os emprestarão; passareis por protector de talentos, por seductor de mulheres e por modelo de ministros. O bom do povo, bastante divertido com epigrammatisar a vossa maneira d'andar, deixar-vos-ha percorrer a mais extensa estrada do amor e da politica. Finalmente confiar-vos-ha os seus destinos, com a unica condição de lhe fornecerdes assumpto de rir e dizer mal.

«Vós, a quem o nobre fogo da ambição consome, dizei-nos que de talentos, que de virtudes, que de dedicações sublimes jámais obtiveram tanto do reconhecimento dos povos!»

Aqui termina o capitulo do interessante livro de

madame Sophia Gay. Basta esta amostra para revelar o seu fino espirito observador.

Sophia Gay era um critico, como madame Staël era um philosopho.

XI

A guitarra

Lisbonne s'amuse.

Lisboa está namorada da guitarra e do fado.

Ao anoitecer, principalmente a essa hora, ouve-se em cada rua, tangidas dentro das casas, seis guitarras pelo menos. E o certo é que os guitarristas de Lisboa comprehenderam a doce melancolia do fado, e fazem com que as cordas da guitarra chorem n'uma cadencia maviosa.

O fado tem a poesia natural das grandes angustias, a tristeza dos que soffrem desamparados. É o abysmo da desgraça, o romance das magoas obscuras, a epopêa do povo. Não ha sentimento doloroso que a linguagem melancolica do fado não reproduza desde a saudade do tombadilho até á afflicção do lupanar. É o pensamento dos que não sabem exprimil-o. Para interpretar o fado nenhum instrumento mais de geito que a guitarra. Está costumada a cantar tristezas desde a mais remota antiguidade, e além d'isso falla tão baixinho que não chega a incommodar os grandes, os felizes, os opu-

lentos. É quasi uma creança que chora ou uma mulher que suspira. Impressiona e não atordoa. Faz-se ouvir mas não se impõe.

A guitarra recorda a Hespanha, onde a introduziram os moiros. Isto basta a explicar o motivo porque, quando começou a entenebrecer-se o horisonte politico do paiz visinho, grande parte da colonia emigrante preferiu Lisboa. Foi a guitarra o iman. Os velhos hespanhoes lembraram-se de a haver tangido sob a janella da mãe de seus filhos; as *niñas* tinham ainda nos ouvidos a cadencia suspirada á *reja* na noite da partida.

> Madre, todas las noches
> Junto á mis rejas
> Canta un joven lhorando...

A formosura, os cabellos negros, os olhos febris das hespanholas, que se exilaram em Lisboa; a voz da guitarra que recorda uma tradição cavalleiresca da Hespanha; a influencia dos livros hespanhoes, principalmente poetas, que os emigrados trouxeram comsigo, fizeram com que Lisboa principiasse a amar a poesia dos olhos e a poesia dos versos.

Eu, travando accidentalmente conhecimento, logo nos primeiros dias, com uma distincta familia hespanhola residente em Lisboa, não pude resistir ao contagio do iberismo poetico. Entrei de me relacionar com os poetas hespanhoes que me facultaram, e tanto os fiquei estimando, porque a poesia da Hespanha aquece-se aos esplendores do sol peninsular, que os

aportuguesei como pude, e, por não poder ficar com os olhos, fiquei com os versos não menos formosos.

Ahi vão amostras de traducção:

SANTO E SANTA

A RAMONA DE LIZANA, FILHA DO MARQUEZ DE CASA-TORRE

(*De Antonio Trueba*)

Tem de Yurre o logarejo,
Regado pela onda fria,
Uma velha ferraria,
Um moinho e um solar
Em que não haveis d'achar
Marmore, prata nem ouro,
Mas que possue um thesouro,
Uma capella, onde entravam
Teus nobres progenitores,
E onde consolo encontravam,
Quando ao ceu co'as suas dores
Alma e olhos levantavam.
A' tosca imagem do altar
Todo o anno a devoção
Tinha c'roada de flores
Do prado e do coração.
Queixa-se d'aldeia a gente,
Em sua crença singela,
De que dentro da capella
Um santo haja sómente.
Que se queixe não me espanta,
Que do solar a capella,
Só quando tu entras n'ella
Tem um santo e uma santa.

OS DOIS MEDOS

(DE CAMPOAMOR)

Fugindo-me, dizia, quando a noite
Nos rodeara àli:
«Foge, não te aproximes, n'esta hora
Tenho medo de ti.»

Quando cingida nos meus braços tremulos,
Passada a noite, a vi,
«Não fujas, fica, — me dizia ella —
Tenho medo sem ti.»

A MADAME ...

(DE MANOEL DEL PALACIO)

Sobre o mar nos encontramos,
E no mar nos compr'hendemos.
Dura tormenta affrontamos,
E um pelo outro trememos.

«Sempre tua!» foi o arrulho
Da tua voz, que eu ouvia
Das vagas entre o marulho
E o sopro da ventania.

E quando a terra entreviste,
— De vel-a a ancia era irmã —
Não me déste um — adeus — triste,
Disseste-me: — Até manhã.—

Ouve-me hoje, e não te rales,
Tens filhas para casar:
Quando d'abysmos lhes falles,
Não lhes vás fallar do mar.

Um dos membros da familia hespanhola, com que travei conhecimento, moço de vinte e sete annos, caracter franco e ardente, era estremado guitarrista, e

*

algumas noites improvisou á guitarra com unanime applauso dos seus companheiros d'hospedaria.

Estava em Lisboa desde o principio de julho e facilmente fallava já a lingua portugueza; —tão facilmente, que n'uma das noites cantou em portuguez um improviso de que retenho de memoria a seguinte quadra:

Hontem a noite era bella.
Na guitarra um namorado
Tangia sob a janella
Um fado triste e chorado.

Os hespanhoes conhecem ha mais tempo a guitarra do que nós; estão familiarisados com ella. Nós queremol-a apenas para as canções tristes, especialmente para o fado. Elles fazem-n'a interprete de sentimentos variados; como os hespanhoes os francezes.

A guitarra passou da Hespanha á França, onde chegou a ser o instrumento predilecto das serenatas.

Boaventura de Periers escrevia ahi por 1550: «Ha doze ou quinze annos a esta parte, que a nossa sociedade começou a guitarrear, quasi posto de parte o alaude, por haver na guitarra não sei que encanto, e ser muito mais facil do que o alaude; de modo que ha hoje mais guitarristas em França do que na Hespanha.»

No tempo de Luiz XIV a guitarra dominava inteiramente as duas camadas mais importantes da sociedade franceza: o povo e a aristocracia.

Era da rua e da côrte.

A datar dos ultimos tempos d'esse reinado começou a declinar a sua voga para renascer com o regimen imperial. De então para cá vive esquecida em França, mas, pela theoria das compensações, adoptou-a Portugal.

Entre nós, como em França, ou é dos salões ou das ruas.

Foi a guitarra que levou ao piano o fado. Não é hoje raro que nas mais brilhantes *soirées* lisbonenses um pianista da primeira sociedade glose o fado com mais ou menos sentimento artistico.

Estas invasões dos direitos do povo são frequentes em todos os tempos e com todos os regimens.

O que é certo é que o fado, a musica popular, perde muita da sua poesia no piano, cujas vozes são claras, fortes, nitidas.

O fado, segundo a sua accepção, é a sentença ditada pelo destino; a fortuna, a sorte. Ora a historia do povo é sempre accidentada de maguas, de trabalhos, de fadigas. Requer um historiador humilde e melancolico.

A guitarra reune estes dois predicados.

Fique o piano para a opera e, se quiserem, para a opereta.

Mas deixe-se para o triste serão do lupanar a guitarra, que soluça nas mãos do homem devasso e é escutada pela mulher perdida, — dois desgraçados.

Que elles tenham ao menos essa hora de pungente poesia. Que chorem ao ouvir a tristeza do seu fado, porque o fado é, como já dissemos no principio d'este

capitulo, o hymno da desgraça, o romance das maguas obscuras, a epopêa do povo. [1]

XII

Da rua dos Capellistas ao passeio da Estrella

Ao passar um dia na rua dos Capellistas fiz reparo n'um rapazinho que parecia absorto a desenhar sobre as pedras.

Não me enganei.

Estava modelando em grandes letras d'areia esta pequena phrase: *Peço uma esmola*. Tinha contornado o — a — final, e levantou-se cravando em mim os seus olhos desluzidos. Não fallou. Fallam por elle as letras, e o certo é que a surpresa de tropeçar a gente com esses caracteres inesperados, que representam um pouco de miseria e um pouco de talento, faz com que tina sobre as lages a esmola que ninguem tem animo de recusar.

O rapazinho da rua dos Capellistas é um desgraçado com seus instinctos artisticos. Adivinhou Pariz, onde o annuncio tanto se desdobra superior ás nossas cabeças como sotoposto aos nossos pés, e vai annunciando a sua necessidade e a sua aptidão, até que al-

(1) Na passagem alludida lê-se *abysmo da desgraça;* foi lapso do revisor.

gum dia passe por elle alguem que o comprehenda, e o leve para uma fabrica ou para um *atelier*, e o aproveite para mais alguma coisa do que traçar caracteres.

Quantos artistas não teem começado assim, e peior? Volvidos annos calcará por ventura as pedras da rua dos Capellistas, e lembrar-se-ha com vaga tristeza de que foi ali que o encontraram um dia, e lhe perguntaram se queria trabalhar.

Ninguem lhe adivinhará o secreto pensamento, por que, nas grandes capitaes, o bulicio da população abafa as notas intimas, plangentes ou festivas.

Passam as alegrias ou as tristezas como as pessoas: desconhecidas.

N'uma rua proxima, ou talvez na mesma rua, vi estradada d'areia vermelha a porta d'um cambista. Perguntei o que significava aquillo. Era um annuncio de felicidade, como as letras do rapazinho dos Capellistas eram annuncio de pobresa. Os cambistas que vendem a sorte grande usam tapetar as suas portas com areia do Alfeite.

Eil-as aqui as antitheses, os contrastes, as contradicções das cidades vastas, populosas, immensas!

Aqui, a dizer-se aos que passam, preoccupados com os seus negocios: «Vinde comprar um papelinho que vos póde dar riqueza e independencia.»

A voz altiva do dinheiro!

A dois passos, as pedras da rua a segredar: «Deixae cahir dez reis que pódem dar a alegria e a felicidade a este rapazinho que nos pinta.»

A linguagem supplicante da pobreza!

Nas pequenas aldeias vê-se um grupo de cabanas que parece terem a mesma altura e a mesma largura. Como as cabanas, os destinos dos moradores são iguaes. Trabalham e suam e morrem. Festa, quando lá a ha, é a do orago, e é para todos. Se morre algum, todos choram. A maior casa que apparece na povoação é a de Deus: a parochia. De Deus ninguem tem inveja. As pedras só fallam n'aldeia quando o picão do pedreiro rasga as paredes da mina, e, quando fallam, dizem sempre a mesma palavra: Trabalho.

Não ha lá papelinhos que enriqueçam: ha só braços que não descançam.

Era preciso haver em Lisboa, attenta a vastidão da cidade, um meio de locomoção barato: são os omnibus.

A maior parte dos empregados publicos procura para viver um sitio affastado da *baixa*. Pela manhã esperam que passe o omnibus, e encurtam d'este modo o longo caminho das secretarias. Ao descer ou ao subir para o omnibus, é facil enlamear as botas. O rigor burocratico prescreve que os funccionarios publicos sejam ao menos perfeitos por fora. Portanto é indispensavel procurar um dos engraixadores que pullulam em todas as ruas. Os engraixadores estacionam nos portaes de casas de commercio. Assenta-se o pé sobre uma fôrma de pau, e d'ahi a dois minutos estão as botas espelhantes, e a dignidade do funccionario publico salva.

Em Lisboa os homens, com quanto sejam mais escrupulosos no calçado e no chapeu, por via de re-

gra irreprehensiveis, vestem mais modesta e uniformemente do que no Porto.

Predomina o *veston*, com a ponta do lenço branco cahida sobre o lado esquerdo.

E' ir á noite ao *Martinho*, onde se encontram actores, litteratos, empregados publicos e deputados: o facto predominante é o *veston*.

O *Martinho* é um botiquim espaçoso, illuminado e concorrido. Não tem a tristeza soturna da *Aguia de ouro* nem a vastidão quasi funebre do *Caffé suisso*. Ha animação na sala e nos espectadores. Conversa-se de tudo um pouco: de politica, de litteratura, de maledicencia... Todavia ninguem se importa de saber, como no Porto, se o sujeito pagou a bebida ou se lh'a pagou o amigo.

Se os botiquins de Lisboa differem dos do Porto, imagine-se todavia quanto os de Lisboa differem dos do extrangeiro, sabendo-se que os grumetes das esquadras inglezas, que fundeam no Tejo, vão ao *Martinho* pelo presumirem um botiquim de segunda ordem.

Pactua-se no *Martinho* um passeio ao jardim da Estrella, elegante e formoso jardim, erguido sobre montanha de que se devassa o Tejo, com amplas ruas, um pavilhão chinez, bonitos lagos, uma gruta e um leão.

É indispensavel ir vêr o leão da Estrella pelo facto de se ver... de graça.

Elle remexe-se, atira-se contra a jaula desejoso dever Lisboa, e julgando-se com direito a vel-a por ser ex-

trangeiro. Todavia, como não veio munido de passaporte, prenderam-n'o. Fica ao pé a basilica do Coração de Jesus, mais conhecida pela designação da Estrella, celebre pelo seu famoso zimborio, pelos seus marmores variegados, e pelo soberbo mausoleo da rainha D. Maria I, que foi a fundadora da basilica.

Fique porém o que é historia para os *guias* e para os instruidos. Nós continuaremos apenas a colleccionar as nossas imperfeitas photographias.

XIII

Mais caracteres

Para observarmos a ordem dos nossos apontamentos, que mais propriamente se poderia dizer desordem, temos de inscrever agora um nome que merecia ser posto nas primeiras paginas da brochura.

É o do decano do jornalismo portuguez, hoje ministro do reino, Antonio Rodrigues Sampaio.

Homem nascido do povo, que o destino roubou ao sacerdocio para o lançar inesperadamente nos braços da politica, encaneceu pelejando desde verdes annos pela causa liberal. As luctas politicas que em 1826 começaram a agitar a sociedade portugueza, e que em 1828 dividiram Portugal em dois exercitos oppostos, arrastaram Sampaio ao labyrintho dos acontecimentos que de dia para dia se iam tornando mais graves.

Principiou por combater como soldado, alistado no regimento de voluntarios da rainha, e, como se a sua coragem sobrepujasse os trabalhos da campanha, sobraram-lhe ainda forças para combater com a penna na imprensa.

A estreia jornalistica de Sampaio data da publicação da *Vedeta da liberdade*, folha portuense que em 1834 atacava denodadamente o partido cartista conservado no poder pela herdeira do throno.

Realisada sem ninguem o esperar a chamada revolução de setembro, que viera annullar os projectos de accordo entre as duas facções constitucionaes, concebidos por Agostinho José Freire, e nomeado chefe do novo gabinete um dos maiores homens politicos da nossa terra, Manoel da Silva Passos, entrou Sampaio na carreira administrativa, e acceitou, não obstante a incerteza da situação, o cargo de secretario geral do districto de Bragança.

Cahido o ministerio setembrista, e victoriosos os adversarios, recolheu Sampaio a Lisboa, onde começou a redigir o jornal que já hoje se não póde separar do nome do seu redactor. Todos sabem que nos referimos á *Revolução de setembro*. O intrepido escriptor, que recebera na *Vedeta da liberdade* o baptismo jornalistico, com notavel coragem se armou cavalleiro para defender a religião professada. Com a subida de Costa Cabral ao poder, abre-se na biographia de Rodrigues Sampaio um periodo brilhante, que permitte collocal-o a par dos mais ardentes jornalistas de que ha noticia. Oiçamos, a este respeito, o seu e

nosso amigo Teixeira de Vasconcellos, que em 1859 publicou em Paris a biographia do actual ministro do reino.

«A imprensa suspensa durante a guerra civil — diz o snr. Teixeira de Vasconcellos — devia volver á sua primitiva liberdade no dia 25 de maio de 1844. O governador civil de Lisboa, que era então José Bernardo da Silva Cabral, irmão do ministro do reino, ordenou que os jornaes se habilitassem de novo. Obedeceram alguns. Sampaio recusou; porque sendo as habilitações feitas perante a justiça, o poder administrativo carecia de authoridade para as invalidar.

«Elle bem sabia que o periodico, que dera á revolta o seu chefe politico, não podia contar com o favor do governo, porem o que Sampaio desejava mais era dar ao seu partido um exemplo de resistencia legal, e obrigar o governo a tomar medidas violentas, que indispozessem contra elle a opinião publica. Os riscos eram grandes. Melhor. Mais proveitoso havia de ser o exemplo. A *Revolução* continua a publicar-se sem habilitações novas. No dia seguinte são presos os distribuidores, a imprensa é sequestrada, os compositores e os impressores vão dormir na cadea, e a officina fecha-se, sellam-se as portas, e a policia mette as chaves na algibeira; mas o periodico não cessa; os assignantes recebem-o; os curiosos encontram-o nos cafés; os proprios ministros deparam com elle em toda a parte. A policia corre á direita e á esquerda, pergunta, espreita, perscruta, mas não descobre durante onze mezes e quatro dias onde elle se imprime, nem onde param os redactores.»

Que perseverança e que coragem não seriam precisas para affrontar os perigos do jornalismo em tão extraordinarias circumstancias!

Então, decidido pelos tribunaes o pleito entre o governador civil e o periodico, e vencedora a *Revolução de setembro*, começou o nome de Sampaio a fazer-se popular e a crear em torno de si a aureola do prestigio que dura em quanto tem bases solidas e inamoviveis.

Reputações ha em a nossa terra que são transparentes e ephemeras como bolas de sabão. Doira-as um momento o sol da fortuna mas logo o vento da adversidade as dissipa.

Ao contrario, a reputação de Sampaio consolidava-se na adversidade.

Cahido Costa Cabral, então conde de Thomar, foi chamado a organisar ministerio o duque de Palmella. Esta crise ministerial motivou-a, como é notorio, a sublevação das provincias do norte.

Os cartistas ficaram mais uma vez vencidos. Triumphante o partido de Sampaio, foram-lhe offerecidos beneficios que recusou.

Sampaio queria ser o que era — jornalista. Não militava por ambição; militava por convicção. Queria estar portanto desembaraçado quando fosse mister voltar de novo ao combate. Derrubado pelo marechal Saldanha o ministerio Palmella, começou a guerra civil, que tinha de durar oito mezes. Com as novas luctas que separaram a sociedade portugueza, nasceram novos trabalhos para Rodrigues Sampaio. Perseguido, combatia ainda.

A publicação do *Spectro* data d'esse tempo. No jornal assim denominado, e que mysteriosamente se insinuava por todos os pontos do paiz, atacava Sampaio intrepidamente os seus adversarios politicos.

A opposição lembrou-se hoje de sacudir o pó que pesava sobre as collecções do *Spectro*, para accusar Sampaio, na imprensa e no parlamento, de acceitar impudicamente o cargo de ministro d'um rei cuja mãe aggredira.

Taes accusações insidiosas foram cabalmente desmentidas. Sampaio censurava o magistrado, a rainha, não censurava a mulher, a mãe, a esposa, que podia ser modelo de esposas e mães.

Occasião é de accrescentar mais um facto occorrido posteriormente á publicação da biographia de Rodrigues Sampaio pelo snr. Teixeira de Vasconcellos.

Reinando o snr. D. Pedro V. testimunhou o malogrado e illustradissimo principe vivo desejo de conhecer os artigos do *Spectro*, mostrando-se ao mesmo tempo pesaroso de que o notavel jornalista houvesse sido injusto, como el-rei conjecturava, para com sua virtuosa mãe. Foi apresentada a el-rei uma collecção do periodico. O snr. D. Pedro V. leu reflectidamente, como costumava proceder sempre, e disse a Rodrigo da Fonseca Magalhães:

—Ainda bem que não tenho de suffocar a consideração que Sampaio me inspira! O jornalista occupou-se dos actos da rainha mas defendeu as virtudes da mulher. Tinham-me desfigurado o procedimento de Sampaio.

A propria soberana chegou a comprehender que o redactor do *Spectro* a havia aggredido apenas politicamente.

«Muitos o accusaram depois, — escreve o snr. Teixeira de Vasconcellos — por ter escripto contra a rainha; ninguem comtudo se lembrou mais das palavras justas, mas generosas, com que elle a defendera, senão a propria soberana.»

Terminada a guerra civil, o nome de Sampaio voltara a alliar-se ao da *Revolução de setembro* e de José Estevão.

Era a respeitavel trindade da religião jornalistica d'essa epocha.

A *Revolução* combateu energicamente o gabinete que substituira o do conde de Thomar, affastado das regiões do poder pelo protocolo de Londres. Todavia o conde de Thomar foi de novo chamado aos conselhos da coroa, e, como sabem, d'ahi se originaram os acontecimentos politicos de 1851, que levaram Sampaio á camara dos deputados, e a alliança e scissão do partido progressista.

Sampaio e José Estevão ficaram pertencendo ao bando regenerador, separado o exercito falsamente combinado.

O mais a referir ácerca da vida politica de Sampaio, depois do schisma do partido progressista, está nos jornaes de ha poucos annos, está principalmente na *Revolução de setembro*. A *Revolução de setembro* é o maior e mais completo monumento de Sampaio. Representa as luctas, as perseguições, os largos sof-

frimentos, as instantaneas alegrias, os riscos, as incertezas da vida do jornalista,—mas do verdadeiro jornalista, do que repta e é reptado no campo da honra ou no campo da imprensa. Jornalistas ha—conheço-os eu e conhece-os todo o paiz—que escrevem de luva branca um artigo almiscarado, e só descalçam a luva, não para florear a espada, mas para florear o taco n'um bilhar.

Esses são caricaturas de jornalista. O verdadeiro é o que está sempre abroquellado para o combate, e vive nas asperesas do soldado, como soldado que é.

Esse foi Sampaio.

A sua penna não era simplesmente estylete,—era mais, era espada. Rasgava o peito do contendor, mas d'um só golpe, largo e profundo.

Artigos de Sampaio havia que não tinham mais de trinta linhas, que diziam tudo, e que deixavam enredado o adversario em teia de trinta voltas.

—Tudo o que se escreve de mais é inutil, dizia-me hontem o decano do jornalismo portuguez no seu gabinete de ministro.

E eu via n'elle a gloria de ter combatido, superior á gloria de haver vencido.

E' que todo o elogio de Sampaio está, não em ter sido duas vezes ministro, o que é accidental, mas em haver trabalhado a vida inteira, o que representa, em subida escala, as duas virtudes indispensaveis ao homem politico: paciencia e esquecimento.

Não queremos fechar este capitulo sem consignarmos um nome que merece ser inscripto a par do de Antonio Rodrigues Sampaio, porque representa uma vida inteira de trabalho e perseverança. E' o de Innocencio Francisco da Silva, author do *Diccionario bibliographico portuguez*. Não ha escriptor em Portugal que por mais tempo e de melhor vontade haja servido a patria e os outros.

E, diga-se a verdade, nem toda a patria nem os outros todos teem sido para elle o que a justiça mandava que fossem.

Muito accidentada de desgostos, e creio até que de difficuldades, tem decorrido a vida de Innocencio. Isso não obstou, nem ainda obstará, a que tenha consagrado a sua velhice ao complemento do vasto monumento litterario que se propoz architectar.

Depois de haver atravessado na mocidade uma serie não interrompida de provações, foi em 1837 despachado para um obscuro logar de amanuense do governo civil de Lisboa. Hoje é chefe de repartição, e ainda tem de repartir a sua velhice entre os trabalhos burocraticos e bibliographicos.

«Absorvida a maior e melhor parte do tempo em taes occupações quotidianas (as do seu emprego) — escrevia o snr. José de Torres ha quatorze annos — que lhe restava para entregar-se a trabalhos litterarios, que requeriam estudo e meditação? Os seus productos n'esta provincia da actividade humana, são verdadeiros milagres. E' em taes circumstancias que, pouco ou nada auxiliado, apouquentado por cuidados e des-

gostos domesticos a maior parte da vida, tem feito investigações preciosas n'uma das mais vastas escalas a que tem podido chegar a diligencia d'um só homem; é em taes circumstancias que tem colhido subsidios d'alta importancia para a nossa historia litteraria, e feito collecções varias, e uma livraria d'alguns mil volumes, grande para as suas forças, sem deixar de ser selecta; é em taes circumstancias que emprehendeu, e ha de felizmente levar a cabo, com muita gloria sua, e utilidade geral, este grande tombo bibliographico, que de dia para dia tende a completar-se e aprimorar-se de mais em mais.»

O juizo que eu formava do author do *Diccionario bibliographico portuguez* não era falso por antecipado. Innocencio Francisco da Silva é um escriptor d'habitos simples, sincero, honrado, e digno da estima de toda a gente que uma vez o conhecer.

XIV

A proposito do jornalismo lisbonense

Quem tem dedicado á vida jornalistica muitos dos seus poucos annos, não pode deixar de saudar, em qualquer parte que se ache, o jornalismo que lhe foi honra e officio.

Muito se tem escripto em França ácerca de jornaes e jornalistas com mais ou menos seriedade. Julio Ja-

nin — para especialisar algum nome — inquadrou no folhetim a historia resumida da imprensa com a fina graça que n'elle se não mostra incompativel com a mais escrupulosa observação. (1) Em Portugal a historia do jornalismo está por fazer, se bem que ha muitos annos ande carreando materiaes para tão suada e ao mesmo passo tão gloriosa edificação o meu bom amigo o snr. Antonio Martins Leorne. Apesar dos seus frequentes desalentos, quero presumir que este illustrado cavalheiro dará a lume algum dia o mais completo trabalho que n'este genero seja permittido fazer-se, e para estimular a impaciencia do publico litterato, e a boa vontade do snr. Leorne, quero deixar aqui esboçada, a proposito do jornalismo lisbonense, uma unica pagina arrancada á futura historia da imprensa periodica em Portugal.

E' ligeira e alegre a indole d'este livro; ligeiros e alegres, e ao estylo de folhetim, serão as paginas que n'este momento estou escrevendo.

Não se imagine porém que o mais rapido bosquejo do jornalismo portuguez é um thema, quando muito recreativo, e em nada prestadio a portuguezes. Engano! Com elle nos poderemos defender cabalmente da accusação de sermos o povo menos creador da peninsula, accusação tantas vezes lançada ás nossas faces por uns certos filhos desnaturados que se andam a germanisar desde o berço. A pittoresca nomenclatura d'alguns jornaes publicados em Portugal bastará para

(1) *Varietés littéraires*, coll. Hetzel — Paris.

prova da fecundidade da imaginação do povo portuguez e das brilhantes faculdades productoras do espirito nacional. Enumeremos, pois, alguns jornaes, cujo nomes, pela sua originalidade, poderão concorrer e até desbancar as graciosas etiquetas da mais faceta e variada imprensa hespanhola:

Agapito	Lisboa	1859
Almocreve das petas . . .	»	1798
Archote	»	1869
Azorrague	»	1838
Bandarra	»	1848
Besta esfolada	»	1828
Cacete	»	1831
Comboi de mentiras, vindo do reino petista, com a fragata verdade encoberta por capitania	»	1801
Derriço (jornal domingueiro)	»	1852
Distribuidor de carapuças .	»	1864
Engeitado da fortuna exposto na roda do tempo . . .	»	1818
Fome.	»	1846
Facecia liberal	»	1822
Facho	»	1870
Gaita de folles	»	1845
Gratis	»	1840
Heraclito e Democrito. . .	»	1823
Homem	»	1852
Hospital do mundo	»	1804

Idade de ouro lusitana . . .	Lisboa	1835
Janota (synapismo semanal)	»	1851
Lagard portuguez ou gazeta para depois de jantar . .	»	1808
Lança	»	1840
*Lua dos theatros (*ou *as flores da scena)*	»	1851
Luneta	»	1835
Martello politico	»	1822
Mastigoforo	»	1824
Melro	»	1857
Melrinho	Ponta Delgada	1853
Matraca	Lisboa	1847
Metralhadora	Porto	1871
March-March !	Lisboa	1835
Mosquito	»	1867
Noticiador conciso (com siso ! seria?*)*	Coimbra	1823
O Oculo . . . . . , .	Lisboa	1847
Oliveira	Guimarães	1860
Omnibus	Braga	1861
Oraculo	Lisboa	1823
Padre Amaro, ou *sovella politica*	Londres	1820 (?)
Palito	Lisboa	1843
Pandigo	»	1857
Pantologico	»	1844
Papagaio	»	1867
Pêga	»	1845
Peneireiro	»	1855

Phosphoro	Coimbra	1860
Piparote	Lisboa	1865
Postilhão	»	1852
Punhal dos corcundas	»	1824
Rabeca	»	1857
Rabecão	»	1864
Regedor	Funchal	1823
Rigoleto	Lisboa	1856
Roda da fortuna	»	1816
Rouxinol	Horta	1862
Saloio	Cintra	1857 (?)
Sancho Pança	Lisboa	1868
Sapateiro espreitador	»	1855
Seringação	»	1852
Sol	»	1840
Sombra	Porto	1869
Tempestade	Lisboa	1870
Tempo	»	1835
Terror	»	1870
Tesoura	»	1858
Timbre	Vianna	1856
Tira Teimas	Coimbra	1861
Torniquete	Lisboa	1863
Toucador	»	1822
Toureiro	»	1836
Trinta diabos	»	1869
Tripa virada	»	1823
Trombeta final	»	1828
Vespa	»	1828
Zacuto lusitano	»	1849

Isto bastará pelo que respeita á variedade dos titulos; quanto á variedade dos formatos, muito haveria a dizer, se os enumerassemos a contar do *Pelourinho*, (que redigido em portuguez, suppomos impresso em Paris) de proporções muito convenientes para mortalha de cigarro, até ao maior formato das nossas folhas portuguezas contemporaneas.

Não se supponha tambem que tantas sementes lançadas ao solo portuguez, pela mão da imprensa, não abrolharam fructos mais ou menos recreativos á vista e saborosos ao paladar. Jornaes houve que despertaram certo movimento de intriga litteraria, o que em todo o caso significa augmento de producção em bellas letras, e outros, em menor numero, estabeleceram em Portugal uma industria qualquer, como o *Cosinheiro*, de que mais adiante me occuparei.

Debuxemos, muito ao correr da penna, um capitulo da parte anecdotica da historia do jornalismo portuguez.

O *Censor* era um pequeno jornal que se publicou em Lisboa em 1824, impresso abusivamente a expensas da intendencia da policia, a cargo do ministro d'estado Manoel Marinho Falcão de Castro, sendo este mesmo ministro quem se incumbia de o remetter pela mesma intendencia para as diversas auctoridades das provincias. Era jornal reaccionario, e pugnava pelos interesses do infante D. Miguel. Ao facto da impressão do jornal ser feita com o dinheiro da intendencia, e distribuido por Marinho, allude o seguinte soneto-pasquim distribuido em Lisboa no dia 12 d'agosto de 1824:

Á MORTE DE DOIS LOBOS (1)

Preencheu-se a medida das offensas
Feitas á patria, e ao Rei não justiceiro: (2)
Fosse eu vosso juiz, par embusteiro,
Que eu vos dera as devidas recompensas.

Um denunciante foi: pagou imprensas
Do *Censor*, que espalhou no reino inteiro: (3)
Outro, que foi ministro, e conselheiro,
Prégou-nos em agosto as endoenças! (4)

Liberaes, ou realistas exaltados,
Segundo norte ou sul ventou no bote,
Eis os inclitos dons dos taes morgados!

Que patifes, que bregeirões de lote!
Troca-lhes, ó rei, os oito mil cruzados,
Por oito mil açoites de chicote.

O *Zabumba* foi um periodico de ephemera duração, publicado em Lisboa em 1826, epocha em que muitos outros periodicos se publicavam na mesma cidade. Entre estes havia um denominado *Espelho de jornalistas*, ao qual José Daniel Rodrigues da Costa fez guerra de morte no folheto que publicou em 1826 com o titulo de *Segunda parte do avô dos periodicos dirigida ao*

(1) Os ministros Manoel Marinho Falcão e Castro e Joaquim Pedro Gomes.

(2) Isto é: não severo.

(3) O ministro Marinho.

(4) O ministro Joaquim Pedro Gomes, que nos avisos que assignou, publicados na *Gazeta* em junho e julho de 1823, fallava da vida e morte de Christo, para responder ás congratulações que as camaras mandavam a el-rei: avisos que foram por muito tempo divertimento dos curiosos, que conheciam bem qual era a religião do ministro que os assignava.

Espelho dos jornalistas. No prefacio do folheto vem um soneto em que José Daniel falla de varios jornaes incluindo o *Zabumba*, soneto que por engraçado aqui publicamos:

Fóra co'a profusão de taes periodicos:
Isto sonho não é, nem é chimerico!
Com elles anda o povo cadaverico
Inda apesar de terem preços modicos:

Poucos folhetos ha, sendo methodicos,
Porque os auctores têm genio colerico:
Uma velha ao ler um veio-lhe o esterico,
Que a si tornou com mil anti-spasmodicos.

Já temos um *Trovão, Clarim, Oraculo,*
Um *Velho Liberal*, que é metafisico,
Um *Espelho* de publico espectaculo;

Outros muitos, que affrouxam nosso fisico.
Inda Deus nos livrou, por certo obstaculo,
De um *Zabumba* soffrer, que morreu tisico.

Depois d'este soneto segue-se uma epistola de José Daniel ao referido *Espelho,* a qual termina assim:

« Auguro a vm., senhor *Espelho,* que não chegará ao fim do anno de 27 a sua analyse, ou apontoados de defeitos, e louvores, que nos promette; porque loterias e periodicos, hão de acabar muito antes por si mesmo: as loterias como esponjas, por não terem já que chupar ao povo, o que se deve inferir da demora, que ha para as rodas girarem. E os periodicos, porque lhes ha de vir faltar materia para encherem a folha, e não terão mais remedio, que virem á unha uns com os outros para encher papel; porém porque póde

succeder saltarem todos, como moscas, ao *Espelho* não se lhe dê de ver no seguinte soneto, o que aconteceu uma noite em uma rua:

Em noite, que setembro nos mostrava
A lua cheia, e viração do norte,
De cães uma guerrilha grande e forte,
N'um pobre cão estranho se filava:

Elle a ganir os dentes lhes mostrava,
Sem poder defender-se de outra sorte:
Cançado de luctar, temendo a morte,
Só pretendia ver se se escapava:

De uma janella esperta cosinheira,
Ao terceiro *agua vae*, (que é bem que diga)
Agua, e ossos botou, muito ligeira;

Ora teve juizo a rapariga!
Com ossos engodou chusma guerreira,
Para o ferido cão fugir da briga.»

Fallemos agora da imprensa culinaria:

Na rua do Almada do Porto se publicou o *Cosinheiro* em 1839. Apenas saíram 10 numeros. Era um jornalzinho em 8.º pequeno com 20 paginas, nas quaes o redactor-cosinheiro não só nos lisonjeava o paladar ensinando-nos o processo de preparar um *lombo de vacca em crispina ou redenho* ou uma *lampreia guisada com molho doce,* e outras mil guloseimas, mas tambem nos distrahia o espirito com anecdotas *apimentadas*, pequenos contos, poesias, e outros substanciaes e interessantissimos artigos, como o *Dialogo em que são interlocutores uma pulga, um carrapato, um persevejo e um piolho*. Ora um artigo como este, depois da lei-

tura de uma receita para preparar *rabos de carneiro por diversos modos*, era realmente um agradavel *dessert!* Este apostolo daarte de Vatel chamava-se: *O Cosinheiro, jornal de instrucção e recreio, que ensina o methodo de cosinha e copa, com um artigo de variedades.*

E' curioso e muito para ler-se o

PROLOGO

Do que serve, leitor, hajam manjares,
Bons doces, bons piteus, bem singulares,
Altos recreios, que o prazer dedica
Para a bocca tornar mais sabia e rica;
Cousas sim de sabor, mas a quem come
Conhecidas por boas pelo nome:
Verdade é que a comer não se precisa
Mais que dente aprompta**r**, que o bucho guisa
Cosidos, fricassés, doces, assados,
Sem differença fazer entre bocados;
Porém justo não é, não é bonito
Estar comendo cabra por cabrito
Ou gorda ratasana por coelho,
E só, por molho ter muito vermelho,
Gosto, cheiro suave d'esta forma
O paladar co'a vista se transforma.
Eis pois rasão bastante, que me anima
A offerecer-te um mimo cousa prima
No methodo que tem na boa escolha
D'um jantar se dispor mesmo sem ôlha.
Tambem na sobremeza com fartura
Comer tu sabarás muita doçura.
Emfim taes cousas tem este livrinho,
Que sómente lhe falta o bello vinho;
E' parecer d'amigo proveitoso
Dizer que o tenha quem fôr desejoso.
Quanto ao preço por certo mais barato
Tu não podes ornar com apparato
A meza das funcções anniversarias
Onde a pança se vê com luminarias;

E para divertir-te com mais graça
Tens na recreação muita negaça,
Variedades, anecdotas, historetas,
Poesia, ditos, muitas petas.
Agora á musa mando que se cale
Pois quem mais quer saber, compre que — vale.»

«Nós não tivemos gazetas — escreve o snr. Teixeira de Vasconcellos — senão depois da acclamação de D. João 4.º, talvez porque o conde-duque de Olivares e o seu soberano fossem dos primeiros que olharam de travez para o periodico de Renaudot, (fundador do primeiro periodico que teve a França — 1631) ou porque lhes não conviesse em Portugal a introducção d'esse novo meio de publicidade. É de suppor que sem estas circumstancias nos teriamos apressado a imitar a Hollanda, a Inglaterra e a França, que tinham comnosco relações muito seguidas.

«Uteis ou perniciosas, as gazetas vieram com a casa de Bragança, e occupavam-se de publicar as noticias da guerra com a Hespanha, os principaes acontecimentos da Europa, e as novidades da côrte; porém taes mentiras disseram que o governo se resolveu a supprimil-as pela *pouca verdade de muitas, e mau estylo de todas!* São palavras do decreto de D. João 4.º»

Com a revolução de 1820 renasceu em Portugal a vida jornalistica. D'então para cá, não só não tem sido interrompida, senão que d'anno para anno tem bracejado novas frondes e, entre pomos de boa colheita, poucos são felizmente os fructas pêccos.

Os jornaes de Lisboa, tomando Sampaio por modelo, estão mais educados para a lucta do que as fo-

lhas portuenses, e, mais proximos dos negocios publicos, animam-se por via de regra do calor que as discussões politicas a cada momento occasionam.

Combatem, discutem, esgrimem; e não raro dois jornalistas, que se defrontaram na imprensa, teem de defrontar-se no campo da honra.

No Porto não acontece assim. O jornal diz tepidamente a sua opinião e, se lhe ripostam, ou não responde ou responde tepidamente.

Eu, que fui jornalista quatro annos consecutivos, não recebi nenhuma estocada. Amoldei sempre o meu temperamento ás exigencias da imprensa da minha terra.

Não lhe quero mal por isso, e d'aqui lhe envio um saudoso adeus.

XV

Os domingos de Lisboa

Um dos melhoramentos materíaes que Lisboa tem ultimamente recebido, e dos mais applaudidos pelo publico, é, sem duvida, o carril americano.

O Porto conheceu-o um pouco antes de Lisboa, o que não obsta a que Lisboa o aproveite melhor que o Porto.

As carruagens americanas rodam da beira do Douro até á beira do Leça sem que as pessoas que vão dentro se dêem ares d'ir em excursão festiva passeiar á praia.

Embarcam-se na rua dos Inglezes como quem leva o sentido de fazer alguma coisa importante na Foz ou em Mathosinhos. São banhistas, não dos que procuram divertimentos, mas saude.

Em Lisboa não acontece o mesmo. Dá prazer, dá vida ver passar, ao meio-dia, especialmente ao domingo, as carruagens americanas ao longo do Aterro. Sobretudo nas carruagens abertas, que no Porto se denomínam dos fumistas, ha o ar alegre dos francezes que vão divertir-se ao campo, e que já se sentem felízes só com pensar no *champagne*. Quem anda passeiando pára a esperar as carruagens, como se espera uma procissão, para vêr, porque realmente as carruagens têem que vêr. Vão ordinariamente muitas senhoras, e perdôe-se-lhes a ellas o escolherem de preferencia as carruagens abertas. Eu sinceramente acredito que apenas o fazem por medida hygienica: as carruagens abertas são mais arejadas. Seja qual fôr o mobil, o certo é que tornam as carruagens uma especie d'Aterro ambulante. *Flanam* o seu pouco, mesmo sentadas, porque o que mais *flana* nas senhoras são os olhos. Ao domingo toda a gente sáe de Lisboa ao meio-dia, no inverno, pela força do sol. Vai ás hortas, vai ás quintas, e passa o dia rusticando agradavelmente por oito vintens ou dois tostões.

No Porto uma carruagem de praça, que sáe para fóra da cidade, póde alugar-se por dois mil reis ou meia libra, o que representa para um empregado publico nada mais e nada menos que dois dias de trabalho.

C'est trop fort.

Depois os cavallos comem, o cocheiro bebe, e cocheiros ha algumas vezes que têem a desfaçatez de comer e beber.

Accresce que não ha *rendez-vous* domingueiros, e que o passeio ao campo é por via de regra solitario. Recolhe a gente á noite sem dinheiro, e, o que n'esse caso é um pouco peior, sem se haver divertido.

Os pequenos, para cumulo de desgraças, déram quédas. Um rachou a cabeça; outro esnucou um joelho.

O pai de familia é obrigado a lançar na conta de ganhos e perdas mais cinco tostões que o algebista quer pelo concerto dos meninos.

E, com todas estas angustias, a digestão não se fez regularmente, e a familia passa mal a noite.

Mais um vintem para a botica: a familia fica na segunda feira a tomar chá de macella.

Não ha theatro em Lisboa que aos domingos se não encha. Ha gente para tudo, e ainda fica muita gente na rua.

O Chiado, a grande *vitrine* de Lisboa, porque Lisboa expõe-se no Chiado, tem *habitués* em todas as lojas, e basta a loja do Seixas para acommodar um regimento de *habitués*.

Vão ao *Martinho*, que o encontram povoado.

Esta é a animação caracteristica das grandes terras.

No Porto fica solitaria a *Aguia d'ouro* quando ha espectaculo no theatro de S. João.

O cartaz em Lisboa é realmente seductor: largo colorido, comprido, enorme.

O *João o Carteiro*, peça vista e revista que se deu hontem á noite em D. Maria II, foi durante o dia annunciado n'um cartaz a duas côres, que não caberia desdobrado dentro da carroça do carteiro desventuroso.

Pois encheu-se o theatro, e Santos, deante d'aquella multidão avida de o ouvir, electrisou-se a ponto de cuidar que estava fazendo o papel pela primeira vez.

No Porto apenas se veste de festa o cartaz, quando a peça representa uma grande esperança do emprezario. N'esses dias solemnes para a empresa, o cartaz bota ás vezes figura, e melhor seria que não botasse, porque, a avaliar-se a peça pela figura, o caso devia sahir desfigurado para os empresarios: não ia lá ninguem.

De mais a mais ainda falta em Lisboa o enxame dos deputados, que, preoccupados todo o dia com a salvação da patria, — coitados! — precisam de recrearse ás noites um pouco nos theatros. De recrear-se e de instruir-se. Elles são actores em grande. O parlamento é o proscenio d'uma companhia paga pelo paiz. A representação nacional exige certos recursos artisticos que podem muito bem ser estudados no theatro. O apito do contra-regra é vantajosamente substituido no parlamento pela campainha do presidente, e vantajosamente digo, porque, sendo o apito um signal de rebate para a policia, tantas vezes a campainha chama á ordem na camara electiva, que a policia de Lisboa não teria tempo senão para andar a socegar os nervos dos representantes da nação.

Fui esta manhã vêr as duas salas do parlamento, das quaes uma, — a da camara dos pares — excede tudo o que se possa esperar d'opulencia n'aquelle recinto. Está-se ali tão bem, que se deve adormecer lá! Rasão teem os dignos pares para dormirem ha tantos annos.

Na camara dos deputados o assento é menos commodo, o espaldar menos macio. O corpo deve agitar-se constantemente, á procura de posição agradavel: d'ahi o mau humor, o fallar, o ralhar muito. E ha que tempos se anda a ralhar no parlamento, sendo certo que com mais rasão poderiamos nós ralhar do parlamento!

— Ali se sentava José Estevão! disse-me um empregado, indicando-me uma das cadeiras.

Estremeci de respeito. D'ali se despinhava a torrente da sua eloquencia, d'ali descia, sobre as cadeiras dos ministros, o vagalhão que os envolvia, ou a onda limpida que os purificava.

Quem estará hoje na cadeira de José Estevão? Não perguntei, não sei. Grande responsabilidade lhe cabe. O mais acertado seria fazer á cadeira de José Estevão o que se fez em Athenas ao throno depois de Codro: deixal-a envolta na sarça ardente que o nome do seu ultimo possuidor irradiou, e não lhe tocar mais.

Seria, ao mesmo passo, altar e monumento.

Já ha porem tantas igrejas e tantas estatuas, que naturalmente supposeram luxo injustificavel augmentar o numero dos monumentos.

E supposeram bem!

Eu supponho tambem, por minha vez, que o melhor é acabar este capitulo.

XVI

Madame Burocracia e seus filhos

Conhecem a madame?

Esta dama d'origem franceza transportou-se a Portugal, onde travou relações com um portuguez dos bons tempos antigos, e sobejamente conhecido: o sr. Funccionalismo. Casaram, e do casamento resultou uma numerosa geração, que tomou o nome da mãe, porque, como é sabido, nós somos naturalmente inclinados a adoptar o que é extranho, mormente se é francez. Burocratas se chamaram os filhos e não Funccionarios, como o pae. Hoje o appellido paterno passou de moda, e os almanachs só mencionam o nome da Mãe: Burocracia. Triste cousa, em verdade, porque não ha nome de familia que não esteja ligado a tradições historicas e recordações do passado!

Funccionalismo era um sujeito popular, de casaco comprido, oculos verdes, bengala de castão d'osso, grave, bem-fallante. A sua biographia prendia com a biographia do paiz. Entrara nas luctas, que precederam o estabelecimento do governo constitucional entre nós. Fez a revolução de 1820, figurou na restauração em 1823, festejou a publicação da carta em 1826, emigrou em 1828, quando entrou o sr. D. Miguel, re-

patriou-se em 1832, esteve no cerco do Porto e, depois que triumphou o partido liberal, pendurou a espingarda e pediu pão a quem lhe tinha dado polvora. Attenderam-n'o, como era justo, e fez-se empregado publico. Tinha uma existencia regrada, séria, transparente. Todos os seus actos revelavam a sua vida intima. Lia a *Revolução de Setembro*, de Lisboa, e *O periodico dos pobres*, do Porto.

Enthusiasmava-se com os vigorosos artigos de Sampaio e ria com os folhetins do Braz Tisana, pseudonymo de José de Sousa Bandeira. O palito, com que escabichava os dentes depois de jantar, completava a sua individualidade.

Na emigração conhecera o typo da mulher franceza e, diga-se a verdade, como era emigrado, algumas vezes se refugiava no seio do gallicismo feminino.

Em tudo o mais era patriota.

Vieram a Portugal, depois de estar empregado, os primeiros figurinos. Figurinos para tudo: para vestir, para escrever, para governar. Por essa occasião veio o figurino administrativo chamado Burocracia.

Como era feminino, avivaram-se-lhe recordações. Viu a madame, lembrou-se da mocidade e casaram-se.

Caprichos de senhoras!

Por exigencia conjugal, teve de tirar os seus oculos verdes, as suas luvas de algodão, de mudar de casaco, o que era quasi o mesmo que mudar de physionomia. Mudou. Ficou outro.

O' amor!

A madame, pelos modos, era tão exigente como

fertil. Entrou de crear familia e de diffundir, para assim dizer, a sua personalidade. Baptisou os filhos como quiz e deu-lhes os destinos que lhe pareceu. Fallava-se já um pouco da extincção dos vinculos; os filhos mais velhos não podiam portanto ser morgados. Houve uma idéa. Sejam os mais velhos conselheiros e os mais novos amanuenses!

Pois sejam; e foram.

Era natural que os paes tivessem seus achaques e transmittissem á descendencia certas molestias hereditarias.

A' mistura com as doenças e, para compensação, communicaram-lhe certas virtudes.

Vejamos:

Primeira doença—Strabismo. Dos filhos mais novos. Um olho no chefe, outro na porta, o que faz com que tenham a impaciencia de sair logo que o chefe se retira.

Primeira virtude—Ecletismo. Por ella conseguem viver com todos os ministros e servir com todos os ministerios.

Mesura para este, mesura para aquelle, *excellencia* para todos.

Se não tivessem esta virtude, tinham de aprendel-a. Que remedio?

Segunda doença—Rheumatismo. Dos filhos mais velhos. Humidades da secretaria e da mocidade. Friagens das noites dos vinte annos e más condições da repartição. Esta porta! aquella janella! Isto é uma Siberia!

Segunda virtude — Hermaphroditismo. E' preciso cozer uns documentos? Aqui está uma caixinha de lata com novelo e agulha. E ás vezes um empregado velho, serio, grave, austero tem, no levantar da agulha, a magestade de uma senhora sua contemporanea. Faz-se mulher por cinco minutos.

Terceira doença — Pauperismo. Dos amanuenses. Molestia que tem caracter epidemico. Que tens tu, homem? Que hei de ter? Sou amanuense. — Isso tenho eu! Se é epidemia!

Terceira virtude — Isochronismo. De todos. Regular-se pelo relogio da secretaria.

— A que horas sae você da repartição?

— A's quatro.

— A que horas janta?

— A's quatro?

— Como arranja você isso?

— Regulo-me pela secretaria.

— Ah!

Quarta doença — Prosaismo. Tendencia para fugir para o.... *officio,* quer dizer, para o *Deus guarde.* Fazer de Deus sentinella não é decerto muito poetico.

Quarta virtude — Sceptecismo. Exforço pelo qual se obriga o espirito a não crêr nas probabilidades d'accesso proximo. De contrario, em vez de trabalhar, o mais que se faria era... esperar.

Este é o feitio da geração que tomou o nome de Burocracia, numerosa familia que, como todas, tem seus habitos, seus dissabores, seus gosos, suas ambições.

Primeiro habito — Vida sedentaria.
Primeiro dissabor — A sua algibeira.
Primeiro goso — A grande gala.
Primeira ambição — Tomar sol.

E a par d'estas ambições, d'estes gosos, d'estes dissabores e d'estes habitos, outros, mais, muitos. Por isso, leitor amigo, quando tu d'ora ávante passeiares no Terreiro do Paço, para aquecer-te, desfadigadamente, despreoccupadamente, não falles tão alto, que destraias um amanuense e o obrigues a deitar um borrão na escripta.

Lembra-te de que a vida intima das familias é sagrada.

E tu, que és empregado publico e me lês, não me fiques querendo mal, porque, a final de contas, a madame é... minha mãe.

XVII

Dois talentos populares

Não quero fechar este livro, onde tenho lançado as primeiras impressões de Lisboa, sem associar dois nomes que a sagração popular tornou conhecidos em todo o paiz: Luiz Augusto Palmeirim e Bordallo Pinheiro.

O primeiro representa as poeticas tradições do povo portuguez. E' o unico trovador decorado e re-

petido nos serões da provincia, nos ocios do mar, nas séstas do campo.

Ninguem como elle vibrou ainda em Portugal o mysterioso teclado da alma das multidões. Foi elle que, para assim dizer, accordou entre nós os adormecidos echos das officinas, das ruas, dos serões. Pôz em verso as singelas crenças d'aldea, os candidos devaneios que desabrocham entre alcantis como as flores do matto. Elle, como o povo, crê nas fadas:

São lindas, lindas as fadas,
Que eu vi nas bandas d'alem;
E tão meigas, e tão ternas
Como não pensa ninguem.

Senta-se, como o povo, á lareira, — o grande areopago das aldeias:

Nas noites d'inverno, sentado á lareira,
Quando era pequeno, mil contos ouvi.

E, recostado no priguiceiro, fazendo parte do tribunal nocturno constituido em torno do lar, julga dos destinos da colonia rustica, á medida que as diversas physionomias campesinas lhe vão passando por deante dos olhos.

Agora é a avó octogenaria que se apresenta ao trovador do serão:

Fiando na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha muito velha
A' neta contava assim

Não nos é dado porém ouvir o rimance da velha narradora, que já temos a enfeitiçar-nos os olhos a formosa ceifeira namorada do bailarico:

> Hei de ir á festa de longe
> Ver-te na dança ligeira,
> A ver se coras na dança,
> A ver se tens quem te queira.

Todavia o poeta não esquece, deante da ceifeira que folga, a ceifeira que chora. Reparte-se entre os sorrisos d'uma e as lagrimas da outra:

> « Ai que linda vae a festa,
> Que vistosa romaria!
> Só eu, coitada, não tenho
> Quem me seja companhia.

O que foi que despertou no animo da ceifeira saudades da romagem? O menestrel que ia passando para a ermida no meio da turba que foliava ruidosamente:

> Com a mão que hoje tremula maneia
> O arco d'onde tira alegres sons,
> Empunhando o fuzil outr'ora, anceia
> Em pró da patria ter mais altos dons.

E passa o bando alegre, enchendo de sons e nuvens a longa estrada, sem reparar no velho mutilado que á porta do tugurio embala o berço do neto:

Co'a mão calosa, que domava outr'ora
Na ardente briga do corsel o ardor,
Um berço embala, descantando agora
Canções que alembram juvenil fervor.

E a turba que vae passando não ouve as seducções que o furtivo namorado está segredando arteiramente á camponesa do casal solitario. Ouve-as o poeta:

O' meu zigue-zigue,
Fujamos d'aldeia;
Ha sezões na terra
Podes ficar feia.
Podes ficar feia,
Mais sim, ou mais ai;
Fujamos d'aldeia
O' meu zigue-zai.

E é o coração nobre do poeta que está soccorrendo com providencial inspiração a fraqueza da ceifeira requestada:

Sou bem reputada,
Mais sim, ou mais ai:
Fugirei casada,
O' meu zigue-zai.

Palmeirim conhece bem o coração do povo: o teclado é extenso. Que de melodias que elle soube tirar apenas d'uma corda — o amor!

E as outras, e todas? Só com dizer uma palavra magica, a velha palavra sempre moça, patria, sussurram na lyra do poeta os mais ardentes brios de portuguez:

Nos campos de Roncesvalles,
Onde morrera Roldão,
Duas balas inimigas
Vararam o coração
Do soldado mais valente,
Que entrara n'aquella acção.

Entre duas palavras, Portugal e liberdade, se entrincheira o trovador do povo, estendendo os braços para ambas, e dizendo ao povo que reverentemente o ouve:

Minha patria, quem sabe se ainda
A ser grande outra vez voltarás!
A memoria d'um povo não finda,
Os teus filhos ainda acharás.
Alva estrella que ao lonje desponta
Ha de em terras da patria luzir.
Dae-lhe a esmola que a lave da affronta,
Talvez possa da campa surgir!

Não é nosso proposito fazer n'este logar a critica dos versos de Palmeirim. Está feita ha muito, e sanccionada pela opinião do povo. Quizemos apenas recordar o poeta ao fallar do homem, e folgamos de vêr que a visinhança dos cincoenta annos não arrefeceu no homem a energia do poeta.

Palmeirim fallado ratifica Palmeirim escripto: é um dos melhores portuguezes que eu conheço.

Bordallo Pinheiro é o que com propriedade se pode dizer um artista, — por fóra e por dentro.

Bastos e longos cabellos negros, olhar vivo e incisivo, feições distinctas, desembaraço elegante, animação verdadeiramente peninsular. Sobre os abundantes cabellos o chapeu, que não denuncia — ainda bem! — uma cabeça hespanhola, mas que revela um rapaz que tem passado por Hespanha.

Era realmente indispensavel que um homem, que nasceu fadado para caricaturar os outros, não tivesse por onde ser caricaturado.

A naturesa deve ter ficado contente com Bordallo Pinheiro. Para lhe fazer a caricatura só reputamos apto, olhando á roda de nós, um unico homem... Bordallo Pinheiro.

Como porem elle se não pode bipartir, o seu lapis triumphará sem competidor.

Bordallo Pinheiro é o jornalista da gravura: faz o noticiario de Lisboa com dois traços, o que lhe permitte acompanhar todos os acontecimentos.

Elle conta a lapis, censura a lapis, louva a lapis, o que dá a entender que o seu jornal é uma... lapiseira.

E é.

Com duas rectas faz a caricatura d'um homem torto, e com duas curvas historía rectamente todos os episodios do Chiado, de S. Carlos e do Martinho.

Anda só, — com a sua carteira. Nenhum prelo, nenhuns caixotins. Vai a lapiseira, e é tudo.

Portugal inteiro applaude os seus folhetins desenhados, e a sua popularidade está em que, não sabendo toda a gente lêr, quasi toda a gente vê.

XVIII

O Natal em Lisboa

Deixei-me ir até Belem.

O nome convidava. Em dia de Natal desculpa-se a phantasia de procurar tudo quanto lembre o grande poema d'humildade e amor que primeiro assombrou os pastores da Judea e depois os philosophos do mundo.

Belem lembrava-me o Presepe, e o Presepe resuscitava as mortas alegrias da minha infancia, — a nossa ceia de familia, o aspecto pittoresco da nossa mesa, o nosso *vinho quente* da provincia, o inquieto contentamento de meus irmãos pequenos, os cantares da nossa rua, o doce alvoroço d'essa intima festa annual.

Portanto deixei-me ir após a phantasia, absorto n'uns pensamentos amargos e suaves, — amargos quando a memoria supplantava a phantasia, suaves quando a phantasia supplantava a memoria.

Podia ir ás hortas, onde o sol devia doirar as piteiras, no caminho, porque no *Manoel Jorge* e no *Casimiro* todas as *piteiras* empanam o sol... da rasão; podia baloiçar-me n'uma tipoia até ao Campo Grande, e, como são celebradas as goloseimas do Natal, banquetear-me no *Collete Encarnado*, ficando tambem encarnado o meu collete; podia finalmente espanejar-me no Aterro á hora em que a Lisboa gentil e perfumada divagava entre o largo do Corpo Santo e as Tresenas.

Mas eu queria-me fóra do grande bulicio da capital, longe das alegrias ruidosas e dos passeios concorridos. Queria-me só comigo mesmo, com os meus pensamentos e com a minha saudade. Fui pois com elles e comigo até Belem.

A vista do Tejo, que o vapor mansamente rasgava, era das que eu conheço mais providencialmente talhadas para affagar no coração tristezas brandas.

A cidade vai fugindo, sumindo entre os seus outeiros a sua casaria, distanciando-se, esbatendo-se, e a gente sente a aproximação do mar e da serra de Cintra, banhada por elle, onde o melancolico Bernardim compunha os seus doces poemas de saudade e amor.

Fugia-me com a cidade o presente; avisinhava-se com o mar o passado.

Vi tudo, ouvi tudo, como na infancia.

O poder da memoria!

As luzes da nossa mesa de festa atiravam ainda reflexos ondulantes para cima das cabeças loiras de meus irmãos, como n'essa noite memoranda. O nosso Presepe tinha as suas flores, os seus jorros d'agua, os seus musgos. Uma pastorinha que eu sempre conheci a descer a ladeira, com um açafate d'ovos á cabeça, não tinha chegado ainda ao Presepe. O gallo estava ainda vigilante á espera da meia noite. Tudo o mesmo! A minha infancia, a nossa mesa, a pastorinha de que eu mais gostava, o musgo rociado de gotas de crystal!

Mas, de repente, o vapor atracou á ponte, quebrou-se o encantamento, apagaram-se as luzes, as cabeças de meus irmãos deixaram de ser loiras, e entre

mim e a minha infancia interpoz-se a estrada percorrida, desfeitas as roseas nuvens do sonho, que a empanavam.

Achei-me em Belem, deante do mosteiro de Santa Maria, mais popularmente conhecido pela denominação de Jeronymos.

Como estava, porém, pouco disposto para admirar as maravilhas architectonicas do edificio e, como n'essa hora sahissem a passeio alguns dos rapasinhos asylados da Casa Pia, fui insensivelmente procurar a colmea d'onde eu os via sair, dois a dois, arregimentados, como se fossem soldados e não abelhas.

Deixei-me ir, e dei comigo no refeitorio, casa ampla, espaçosa. Havia ainda por cima das mesas as migalhas restantes da refeição. Os pardaes haviam entrado pelas janellas abertas e comiam as migalhas que os rapasinhos deixaram.

Queriam consoar, os pardaes. Impressionou-me aquillo!

Como a Caridade é grande! Depois de alimentar as creanças, tem ainda banquete para os passaros!

No Porto sei eu que o dia de Natal é de fortuna e jubilo para os pobres.

Um mysterio, um enigma, uma legenda, o Y, estende o braço para o lar dos indigentes e usa espalhar sobre a mesa despida o oiro abundante, que é sudario para todas as lagrimas e sol para todas as trevas.

Em Lisboa, a cidade da opulencia, do tumulto e da pobresa, porque tudo isso ha em Lisboa, havia-me esquecido das creanças, dos infelizes que entram no

mundo pela porta da orphandade, com o seu lucto e a sua desventura.

Surprehendeu-me vêr que a Caridade tres vezes santa, a Caridade que no Porto se chama Y e em Lisboa se chama Casa Pia, sentava os pequenos á mesa, e, como se fosse mãe, talhava as rações, e enchia de vinho os bebedouros de lata e, depois de os banquetear, lhes dava liberdade para voejarem o seu pouco livremente.

Sendo porém de festa geral o dia das consoadas, a Caridade deixava abertas as janellas para que os passaros tomassem o logar das creanças, e tivessem tambem o seu refeitorio, a sua festa, o seu banquete.

Esqueci-me da terra para me absorver nas minhas recordações, que já eram do Céo, porque as recordações, como lagrimas que são volvem-se estrellas, e brilham, e resplendem, mas altas, tão altas, que já ninguem as póde desengastar!...

Tornei-me pois á realidade do meu ser e, lembrando-me das creanças e dos pardaes, reputei-me feliz.

Elles esperavam que a Caridade os alimentasse. Eu incomparavelmente mais rico, era filho do Trabalho, e podia, ao cabo de vinte e quatro horas de canceiras, repartir do meu salario com os pobres.

Quando transpuz o limiar do mosteiro, esperavam á porta algumas mulheres, mães dos asylados, para vel-os, fallar-lhes, e repartir com elles da consoada.

Tive vontade de dizer-lhes:

— Ide em paz, boas mulheres, porque já outra mãe lhes sorriu lá dentro...

Uma d'ellas abeirou-se porém de mim, e pediu-me esmola.

Eu, que era mais rico, soccorri-a, e lembrei-me então de que toda a riqueza das mães é o amor com que amam os filhos, porque aquella mulher, reconhecidamente necessitada, pedia para si, mas ia levar a consoada ao filho.

O Natal é a festa do amor e, por tal rasão, se sentira ella attraída á portaria dos Jeronymos.

Abençoado o Natal que junta as familias, opulentas ou miseras, ainda que os orphãos estejam sob a aza da Caridade e as mães sob a cruz da viuvez!

XIX

Epidemia em Lisboa

Ha trez mezes que Lisboa está lendo... almanachs.

O almanach, como compensação providencial dos estragos do *oidium* e do philoxera, é uma nova producção que vem equilibrar, no commercio portuguez, a escacez das vindimas.

Eu ando desconfiado de que é por essa rasão que os almanachs surdem á hora em que as uvas deviam apparecer abundantemente, entre verduras, nos *plateaux* das melhores mesas.

De sorte que pode adoptar-se o seguinte rifão:

Mosto na tenda,
Almanach á venda.

Se não houvesse a caudal dos almanachs, ainda nos restava a castanha. Mas nós somos uma raça anemica, dyspepetica, e não podêmos digirir a castanha. Resta-nos pois digirir o almanach. D'aqui o luxo que os coordenadores procuram dar a essas variegadas brochuras. Ha concorrencia; é preciso agradar. Julio Machado tem-se visto consumido com instancias e escreveu sete *bluettes* differentes; Pinheiro Chagas redigiu entre sete capitulos de sete romances quatorze artigosinhos; Camillo Castello Branco, a julgar pelos pedidos que todos os dias recebia, chegou a imaginar que em Portugal se está produsindo mais em almanachs do que elle tem produsido em romances; D. Antonio da Costa até nas Caldas de Visella foi atormentado; Castilho viu-se obrigado a crêr que o almanach é hoje o cathecismo das primeiras letras; e o proprio snr. Alexandre Herculano abriu na sua quinta de Val-de-Lobos uma amavel carta da snr.ª D. Guiomar Torrezão, e respondeu com um soberbo artigo de oito paginas que appareceu publicado no *Almanach das senhoras* para 1874.

E, alem d'estes brilhantes planetas que lusem todos os annos nas regiões do almanach, que de satellytes desconhecidos que vão descrevendo oscillantes a sua orbita, que de constellações de pallidas estrellas que balbuciam os primeiros versos!

Esses não foram convidados; requereram admissão. Mandaram receiosos de perder vinte e cinco reis e vinte e cinco dias de trabalho, as estrophes calorosas dos amores timidos. Versos á *ella*, ás boninas e ás

mariposas. Glosas dos motes alados e rescendentes que a naturesa pompeia na primavera, e, para os poetas, novos ou velhos, até no outomno. Sim no outomno, porque a unica vantagem dos poetas sobre a restante humanidade é verem tudo o que querem e quando querem. D'outro modo não se explicava que Anacreonte morresse cantando a primavera que elle, ao declinar da vida, estava ainda vendo pelos olhos da saudade.

Vão os versos, e fica-se esperando a resposta.

Se se mandaram para o *Almanach de lembranças* todas as noites se sonha com o *limbo*. Como se sabe, o limbo no *Almanach de lembranças* é a correspondencia em que o illustrado coordenador motiva as recusas, e assisadamente aconselha os inexperientes.

No almanach para 1874 lá vem nas primeiras paginas o painel das almas penadas.

Um vate da Extremadura mandou uns versos dos quaes a melhor quadra era esta:

> Mãe, és tu que em meus sonhos vejo;
> Como um anjo vindo do Ceo,
> Em meu rosto depôr um beijo
> E chamares-me filho teu?

A resposta foi ficarem mãe e filho no limbo, e isto pela simples rasão do author ser melhor filho que poeta.

Para o anno pode ser que se rehabilite a familia.

Um Charadista de Coimbra fez a seguinte charada da palavra — musica: —

Só os bois é que assim fazem — 1
E a musica tambem — 1
Cá de longe te saudo — 1
Meu lindo e caro bem.

O snr. Rodrigues Cordeiro não podia consentir n'um dolo, e obstou a que o publico fosse enganado, disendo-se-lhe que os bois fazem *mu*, e a musica faz *si*. Ficou pois a charada de quarentena para não inficionar o almanach, tendo por companheiros no lasareto estes versos seus irmãos, igualmente colericos:

Já que hoje fazes annos — ó José, ó Josesinho,
Zumbaia hoje esta festa — e ha de ser com bom vinho.

Se porém as trovas obtiveram a classificação de *simpliciter*, e o nome do obscuro collaborador apparece no almanach, ih! que doidices d'alegria, que ler, que reler, que recitar emphaticamente no meio da sala, para ser publico de si mesmo, a propria composição! Compra-se o almanach que se leu, compra-se outro para dar á bella, e compravam-se mais se houvesse dinheiro.

Como não ha, fica-se em casa a escrever para o almanach do anno seguinte.

Temos fallado dos collaboradores; fallemos agora dos leitores. Ha os para todo o genero d'annuarios, mas o que mais se procura geralmente n'estes livrinhos são as anecdotas.

Isso sim! Casos que aconteceram, e casos que não aconteceram, pouco importa! Rir é o que se quer.

*

Velhos ha que remoçam com a medicina anecdotica do almanach.

—Ora você já leu? Isto está fino!

—Leia lá.

—Ora o dianho do rapaz!

—Que faz?

—Andava a pedir e a policia pilhou-o com a mão estendida.—Alto lá. Está você preso por estar a pedir esmola.—Eu não pedia!—Então que fazia você?—Estava a vêr se chovia!—Ih! Ih! Ih!

—Oh! oh! oh! E' muito bem apanhada!

O *Almanach de lembranças* é um manancial d'estas alegrias, um vasto thesouro d'anecdotas. Até houve quem a proposito do almanach quizesse invental-as. Chegou-se a perguntar qual era o livro que dava menos trabalho ao auctor.

Era o *Almanach de lembranças.*

Agora já se não póde dizer o mesmo, porque o d'este anno abriu com uma interessante biographia de Rebello da Silva, escripta pelo snr. Rodrigues Cordeiro.

O segundo almanach que appareceu foi o das *Senhoras*. Tinha-se annunciado que trazia um artigo do snr. Alexandre Herculano, e tanto bastou para que a curiosidade do publico lhe sahisse ao encontro. O certo é que se o publico esperava encontrar 50, encontrou 100.

Soberbo artigo! Relampagos de philosophia, lampejos d'humorismo, perolas d'orvalho ás vezes, ferro em braza, outras.

Ahi vae amostra:

« A sociedade contemporanea começou a affigurar-se-me podre no cerne, da raiz ao coruto, semelhante ao pinheiro com cogumello. Fel preto fel absurdo, gerando concepções absurdas. Desculpe a patria, essa apreciação, obra do fel preto; mas o que é certo é que eu a fazia. A noite que tinha na alma golfava torrentes de sombras sobre tudo o que me rodeava, homens e cousas, instituições e factos. O livreco interrompido, truncado, era o anjo mau que me tingia a sociedade civil de uma côr funerea. Filho das minhas entranhas, chorei por elle com lagrimas bem amargas! E o mundo passava a rir, como eu rio agora d'elle, sem attentar por isso. O rir desopila o baço. Dizem-n'o a Polyanthéa de Curvo Semedo e varios auctores allemães. Era, portanto, o mundo que tinha juizo. Hoje o ferrujão que ataca um boi de trabalho, ou o papo que invade um rebanho de ovelhas, encontra-me a fronte serena e o animo impassivel. Hão de todos confessar que isto é varonil, grandioso. N'aquelle tempo não era assim. A vaidade de acabar a minha historia, o meu registo de cemiterio; que outra cousa não é a historia senão um guia do viajante na necropole das gerações extinctas; essa tola vaidade, inhibida de saciar-se, transformou-se n'uma exasperação ridicula, prova provada do phenomeno physiologico a que já alludi, a falta de nascença do dente do sizo. A's vezes suspeitava que tinha ictericia nas mucosas; que andava esverdeado por dentro. Sabia-me a bócca a sulphato de cobre. A imaginação pintava-me n'um curto horisonte

castellos fluctuantes de congestões cerebraes que cresciam para mim envoltos em ondas de nevoas. Fugi então para o campo. Precisava de não roçar pelos confrades leigos da congregação. Precisava da luz de Deus, do ar de Deus, da voz de Deus, que não são exactamente nem as fasquias do esplendor do sol que a beira do telhado despenha desdenhosamente para uma nesga de rua, nem os gazes olorosos evolvidos da caçoula de sulphydrico sobre cuja tampa se reclina voluptuosamente a rainha do Tejo, nem o gargantear dos vendilhões ambulantes, nem as discussões dos botiquins e dos parlamentos, nem as missões dos energumenos da reacção, nem a pia inferneira dos sinos, nem outro algum d'esses mil ruidos que se alevantam confusos, discordes, espessos, da cratera fervente de uma capital. O pobre do campo viu-se azúl para me sarar d'aquelles como herpes interiores que me roiam o moral e o physico. Resisti por muito tempo aos murmurios da fonte e do regato, ao cicio somnolento da aragem no arvoredo, á cantilena matutina das aves, ás fragrancias e aromas dos mattos, ao fresco sorrir da alvorada, ás saudades do sol-posto, ás mil distracções e cuidados da vida rural. Mas a perseverança imperturbavel do medico venceu por fim a pertinacia da doença. Se a congregação, supprimindo um livro, cuidou que supprimia um individuo, ou a felicidade d'esse individuo, sinto dizer-lhe que, embora os homens não a atraiçoassem, a atraiçoou o campo. Digo-lh'o em consciencia. Póde lançal-o sem escrupulo no rol dos pedreiros-livres.»

O final do artigo, com especialidade, parece-me mais para temer que o sacrificio das grelhas postas sobre lume.

Eu não queria estar na pelle de S. Lourenço.

Depois d'estes dois almanachs vieram cem, vieram mil, tem sido uma praga, um diluvio!

Já agora Lisboa espera anciosa pelo dia *d'anno novo* para lêr... o ultimo almanach.

XX

Epilogo

Fechamos hoje, 28 de Dezembro, este pequeno album de *Photographias de Lisboa,* não porque vão escaceando assumptos e perfís, mas porque está preenchido o ligeiro programma que nos propozémos.

Se nos sobrasse tempo e logar, não deixaria-mos de completar o album com... a sua mesma photographia, melhor, com a sua historia.

Este livrinho foi começado em Lisboa, continuado no Porto, e está sendo concluido em Lisboa.

D'aqui proveio que a distribuição da luz ora se resente da disposição atmospherica do Porto, ora do estado meteorologico de Lisboa.

Todavia o publico, que recebe as *Photographias* como brinde da *Livraria Universal,* terá a costumada cortezia de quem é brindado. Desculpará todas as faltas.

Ao publico basta dizer isto.

Aos snrs. Magalhães & Moniz, dignos proprietarios da nova livraria, que hoje entram na arena commercial affoitos de mocidade e esperança, envio d'aqui um ardente voto — que a felicidade lhes corôe todos os trabalhos e todas as canceiras.

Lisboa 28 de Dezembro de 1873.

FIM

ERRATAS

Pag. 29, onde se lê — *Toute honneur* —, leia-se — *Tout honneur* —.

Pag. 53, linha 14, onde se lê — São elles os dos snrs. —, leia-se — São elles o do snr. —

Pag. 64, linha 14, onde se lê — C'o abysmo da desgraça —, leia-se — C'o hymno da desgraça —.

Outros erros haverá decerto, e que nos passaram despercebidos.